



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: "Além do Véu"

Acadêmica: Bruna Gabrielly Yamada Caliman

Orientador: Ramiro Giroldo

Data: 27/11/2025

Banca examinadora:

1. Régis Orlando Rasia
2. Vitor Tomaz Zan

Avaliação: (X) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca elogia o trabalho realizado, recomenda os ajustes pontuais recomendados e sugere que a aluna prossiga com o trabalho no roteiro.

Campo Grande, 27 de novembro de 2025.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Ramiro Giroldo, Professor do Magisterio Superior**, em 01/12/2025, às 15:05, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Régis Orlando Rasia, Professor do Magisterio Superior**, em 01/12/2025, às 16:42, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Vitor Tomaz Zan, Professor do Magisterio Superior**, em 03/12/2025, às 07:12, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site
[https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?
acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código
verificador **6058657** e o código CRC **6BDD9074**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM AUDIOVISUAL (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.015726/2025-41

SEI nº 6058657



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE AUDIOVISUAL**

PROJETO DE ROTEIRO PARA LONGA-METRAGEM

Campo Grande
OUTUBRO /2025

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário

79070-900 - Campo Grande (MS)

Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>

<http://www.audiovisual.ufms.br> / audiovisual.faalc@ufms.br



BRUNA GABRIELLY YAMADA CALIMAN

ALÉM DO VÉU

Projeto de Pesquisa apresentado à disciplina Metodologia da Pesquisa Científica, como requisito parcial para elaboração de roteiro para longametragem para conclusão do curso de graduação em Audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Campo Grande
OUTUBRO - 2025

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário

79070-900 - Campo Grande (MS)

Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>

<http://www.audiovisual.ufms.br> / audiovisual.faalc@ufms.br



SUMÁRIO

1. Informações sobre a proposta	4
2. Pontos fortes da proposta	5
3. Estratégia de realização do projeto	7
4. Argumento	12
5. Fundamentação teórica	42
6. Roteiro	47



1- INFORMAÇÕES SOBRE A PROPOSTA

Logline

Pesquisadora em luto viaja ao Japão, Indonésia e Bolívia para acompanhar rituais de morte e, ao confrontar essas práticas, reconcilia-se com a própria perda e descobre um novo sentido para viver.

É adaptação de obra intelectual de terceiros? NÃO

Sinopse

“Além do Véu” acompanha Júlia, pesquisadora de rituais funerários, que parte de Belo Horizonte rumo a três culturas onde a morte é cuidada de formas singulares. No Japão, ela presencia o *kotsuage*, quando familiares recolhem os ossos do ente querido depois da cremação, aprendendo o valor do toque e do respeito. Na Indonésia, em Tana Toraja, nota o *ma'nene'*, ritual no qual os ancestrais são vestidos e honrados regularmente, compreendendo que memória também é cuidado constante. Na Bolívia, em La Paz, conhece a Festa das *Ñatitas*, crânios reverenciados como protetores, e experimenta a potência comunitária do luto. Entre entrevistas, observação participante e registros de campo, Júlia revisita a própria história e a perda da avó, transformando a pesquisa em uma jornada interior. Ao retornar, a soma dessas práticas (tocar, vestir, dar voz aos mortos) reordena seu olhar acerca de finitude e presença. O roteiro entrelaça procedimentos de ritos reais e uma trama íntima, propondo uma perspectiva ética e sensível sobre a morte como continuidade das relações.



2- PONTOS FORTES DA PROPOSTA

“Além do Véu” parte de uma temática universal – a morte – para debater como culturas distintas elaboram o luto e, dessa forma, como que se segue a vida. Deslocando o foco do sensacionalismo para o cuidado, como tocar os ossos, vestir os ancestrais e dar voz aos mortos, o projeto sugere uma perspectiva ética e decolonial sobre rituais reais, no Japão, Indonésia e Bolívia, tensionando estereótipos e aumentando o repertório simbólico do público do Brasil.

A narrativa se organiza em uma tríade conceitual clara – tocar (*kotsuage*), vestir (*ma'nene*) e dar voz (*Ñatitas*) – que reflete o arco interno da protagonista: do impedimento à presença. Essa arquitetura possibilita ler os rituais como tecnologias sociais do luto, não como curiosidades: atividades que geram pertencimento, continuidade e saúde mental coletiva. O filme opera um deslocamento de perspectiva: não pergunta “o que é estranho?”, mas “o que é cuidado?”.

A proposta adquire um compromisso decolonial: respeita protocolos culturais, impede apropriação e valoriza conhecimentos locais como saber legítimo. Ao contrapor a medicalização/silenciamento do luto a práticas comunitárias, defende o direito de elaborar perdas como política de cuidado. A presença de uma protagonista brasileira operando escuta, e não protagonismo salvacionista, reforça a ética da observação participante.

A estética prioriza o cinema de observação: planos abertos que conservam o gesto comunitário; som como sentido (incenso, pinças, vento, passos); silêncio como linguagem dramática; paletas que distinguem cenários (madeira e cinza no Japão; terra e tecidos em Toraja; flores e coroas em La Paz). Montagens paralelas costuram rituais e memórias (flashback), e motivos visuais (terço, lavanda, amuleto) criam continuidade sensível sem didatismo.



Como Trabalho de Conclusão de Curso, apresenta tradução de pesquisa em dramaturgia: etnografia, ética de campo, validação terminológica e formatação técnica. Socialmente, promove educação para a morte com delicadeza, transformando tabu em conversa pública responsável. O resultado é um roteiro culturalmente responsável, dramaturgicamente sólido e cinematograficamente potente, capaz de causar uma reação emocional e reflexão crítica sem abrir mão da beleza das formas.



3- ESTRATÉGIA DE REALIZAÇÃO DO PROJETO

3.1 Estrutura dramática (roteiro como obra)

- Gênero: drama de jornada / *road-movie* etnográfico (tom contemplativo; “cinema de observação” com momentos de memória/flashback).
- Extensão temporal do enredo: aproximadamente de 2 a três meses diegéticos (preparação em Belo Horizonte; etapa Japão; etapa Indonésia; etapa Bolívia; retorno/velório).
- Espaço:
 - ✓ Brasil (Belo Horizonte): casa da Júlia, hospital, capela/velório, cemitério, espaços urbanos (praça/mercado);
 - ✓ Japão: aeroporto/estação, templo e casa funerária (*kotsuage*), restaurante;
 - ✓ Indonésia (Tana Toraja): vila, pátio central, montanhas/campos, casa do guia, área de exumação (*ma'nene*);
 - ✓ Bolívia (La Paz): aeroporto/teleférico (opcional), casa do Mateus, praça/altar (*Ñatitas*), mercado.
- Número de personagens (núcleo):
 - ✓ Júlia (protagonista): vetor dramático; passa do evitamento à presença;
 - ✓ Tia Maria: laço afetivo e ancoragem em Belo Horizonte; fechamento do arco;
 - ✓ Lucas (pesquisador), Kenji (Japão), Paul (Indonésia), Mateus (Bolívia): mentores locais que traduzem rituais e tensionam o olhar da protagonista;
 - ✓ Figurantes com falas curtas: anciã Toraja, devota boliviana, padre, amigos (Carlos, Letícia, Ana);
 - ✓ Multidão/figurantes: familiares nos rituais, comunidade da vila, fiéis/visitantes.



- Função na estrutura: cada mentor encarna um princípio de cuidado (Tocar, vestir, dar voz), articulando os ritos à mudança interna de Júlia. Belo Horizonte abre e fecha a narrativa (prólogo/epílogo), assegurando enraizamento emocional e resolução (velório/enterro).

3.2 Exequibilidade (roteiro como artefato realizável)

Escopo e caminhos de produção

Sugerem-se dois caminhos para manter a integridade do roteiro:

Caminho A (baixo custo)

- Localizações semelhantes (match cut / direção de arte):
 - ✓ Templo japonês e casa funerária recriados em espaços locais (salões, jardins. Salas multiuso) com direção de arte (painéis shoji, tatames/sumulacros, iluminação baixa, incenso).
 - ✓ Vila Toraja e pátio: sítio rural ou comunidade tradicional próxima; arquitetura sugerida por cenografia modular (madeira, telhados inclinados, tecidos) e planos fechados.
 - ✓ Praça boliviana: praça/beco com altar cenográfico; foco em close de crânios cenográficos, flores e velas.
- Biblioteca com som + trilha diegética (tambores, sinos, vento) e cartelas para contextualizar rituais (sem didatismo).
- Figurino/props: amuleto (omamori), lavanda, terço, crânios cenográficos (resina), pinças, tecidos; evitar qualquer item sensível real.
- Idiomas: falas curtas em japonês/espanhol com legendas; o restante em português, privilegiando comportamento e gesto.
- Equipe reduzida: direção, foto, som direto, arte (1-2), produção (1-2), assistência, maquiagem/figurino, continuísta, still.



- Cronograma: 6 a 8 diárias locais (Belo Horizonte e sets semelhantes).

Caminho B (versão internacional / expandida): coprodução

- Gravação local de trechos selecionados: de uma a duas diárias por país + cobertura local via fixer/produção associada. O restante com equivalentes no Brasil.
- Consultores culturais formais (Japão, Toraja e Bolívia) e autorizações para filmar rituais (tempo de pré-aprovação).
- Custo maior e logística complexa (vistos, deslocamentos, seguro).

Estimativa de recursos (Caminho A)

- Elenco
 - ✓ 6 a 8 com falas: Júlia, Tia Maria, Lucas, Kenji, Paul, Mateus, Padre e uma devota (anciã);
 - ✓ 20 a 30 figurantes: capela, cemitério, praça, vila.
- Locações
 - ✓ 8 a 10 ambientes: casa da Júlia, hospital (um quarto e um corredor), capela, cemitério, praça, mercado, templo japonês (set), casa do guia (set), pátio de vila (set), sala de altar ñatitas (set), campo e trilha.
- Riscos e soluções
 - ✓ Ética cultural: evitar simulações realistas de cadáveres; utilizar metonímias (mãos, objetivos, som); consultoria para terminologia e iconografia;
 - ✓ Permissões: cemitério/capela (ofício/Seguro RC), Hospital (gravar em clínica parceira ou set);



- ✓ Logística: diárias noturnas/chuva controlada (chuveiro de efeito), fumaça/incenso com exaustão;
 - ✓ Figurino/arte: coerência cromática por país (Japão: cinza/madeiras; Toraja: terras/vermelho; Bolívia: flores/cores vivas);
 - ✓ Som: foco em som direto limpo; desenho de som para rituais; foley (pinças, contas do terço, passos);
 - ✓ Segurança: Equipamento de Proteção Individual em simulações de exumação; materiais inertes;
 - ✓ Direitos autoriais: trilhas royalty-free/licenciadas; nada de música tradicional protegida sem liberação;
 - ✓ Intérpretes/legendas: revisão por falantes nativos (curtas linhas) e QC de legendas.
-
- Pós-produção
 - ✓ Montagem com eixo observacional; montagens paralelas conectando rituais/memória;
 - ✓ Correção de cor por paletas (3 LUTs base) para diferenciar países;
 - ✓ Mixagem 5.1/2.0 de acordo com a entrega; *closed captions* e legendas (PT / EN).

 - Distribuição (escopo acadêmico)
 - ✓ Mostras universitárias, festivais de primeiro filme / etnográfico, circuitos de cineclubes, YouTube/Vimeo com senha para banca, dossiê/press kit (logline. Sinopse, fotos, ficha técnica, nota de direção).

Orçamento

- Arte / figurino / props: baixo a médio (itens-chave + materiais de cenografia);
- Locações: baixo (parcerias institucionais) e médio (capela/cemitério);



- Elenco/figurantes: cachês simbólicos/apoio (de acordo com a política da instituição);
- Equipe técnica: núcleo reduzido (bolsas/voluntários), alimentação/transporte/seguro;
- Pós (cor, som, legendas): médio (parcerias com laboratórios);

Resultado: baixo orçamento total, com elevada alavancagem por direção de arte, fotografia e som.

Por que funciona como realização?

A estratégia prioriza o que o roteiro pede (gesto, objeto, silêncio) ao invés de espetacularização. A mise-en-scène minimalista e a paleta sonora possibilitam reconstruir cenários com poucos elementos, preservando rigor cultural através de consultoria e linguagem metonímica. Assim, o projeto se baseia dramaticamente e materialmente, promovendo um caminho transparente para filmagem.



4- ARGUMENTO

4.1 Premissa e tema

Uma pesquisadora em luto percorre Japão, Indonésia e Bolívia para observar rituais funerários e, ao traduzi-los em gestos cinematográficos (tocar, vestir, dar voz), aprende a elaborar a própria perda. O tema central é o luto como prática social de cuidado que reintegra o indivíduo à comunidade e reorganiza o sentido de viver.

4.2 Personagens

JÚLIA – Protagonista, pesquisadora.

Quem é?

Antropóloga em começo de carreira, movida por curiosidade intelectual e uma disciplina quase ascética. Por baixo do rigor, há uma dor não-elaborada: a morte da avó, cujo velório ela evitou, e o abandono da mãe, que nunca foi enfrentado.

Vontade x necessidade:

Quer “entender” racionalmente os rituais (controle pela teoria). Precisa sentir e aceitar a finitude (perder o controle com segurança).

Arco

Do evitamento (fuga de funerais, ironia defensiva, excesso de planejamento) à presença (escuta, gesto, ritual interno). O *turning point* é o kotsusage; a confirmação vem do ma'nene'; a integração se dá nas *Ñatitas* e se resolve no velório em BH.

Conflitos/fragilidades

Medo de inadequação cultural, culpa pela falta de luto familiar, tendência a “mediar” emoções com trabalho.



Gestos e motivos visuais

Terço da avó (Brasil), Omamori (Japão), tecido/pingente (Toraja), flor do altar (La Paz). O jeito de tocar os objetos vai ficando mais seguro no decorrer do filme.

Direção de atuação

Economizar palavra, expressar transformação por micro gestos (respirar, pausar, olhar). A emoção aumenta por dentro, sem explosões melodramáticas.

TIA MARIA – Guardiã da memória familiar

Quem é?

Tia-mãe de Júlia, afetuosa e prática, segura as rédeas do dia a dia. Representa continuidade doméstica dos rituais (cuidar da casa, das fotos, do terço).

Função dramática

Ancora a narrativa em Belo Horizonte e fecha o arco da protagonista no rito final. Sua presença dá medida humana às escolhas de Júlia.

Conflitos/fragilidades

Sente medo de “perder” a sobrinha para o mundo, mas escolhe apoiá-la; lida com a casa vazia e com o silêncio do luto.

Gestos e motivos

Mãos que arrumam, dobram, acendem vela; lavanda como assinatura sensorial.

Direção de atuação

Calor contido, firmeza suave; a força está no cuidado, não no discurso.



LUCAS – Amigo

Quem é?

Colega de pesquisa, metódico, ético e com humor seco.

Função dramática

Contraponto racional; questiona a metodologia, lembra limites, provoca a protagonista a ir além da bibliografia.

Conflitos/fragilidades

Teme que Júlia se perca na “experiência” e comprometa o rigor; no fundo, inveja a coragem dela em campo.

Gestos e motivos

Pastas, marca-texto; mensagens de áudio curtas; presença mais forte no início e como eco na fase de síntese.

Direção de atuação

Ritmo preciso, escuta ativa; não antagonista, mas “freio de responsabilidade”.

KENJI – Mentor japonês (*kotsuage*)

Quem é?

Amigo antigo, sensível, bem-humorado, ponte cultural. Entende ritos como gestos de cuidado.

Função dramática

Introduz etiqueta (silêncio, forma) e o *kotsuage*; desafia Júlia a sair da bolha teórica.



Conflitos/fragilidades

Carrega luto próprio discretamente; teme que Júlia diminua o rito a exotismo, mas confia na escuta dela.

Gestos e motivos

Omamori ofertado; ensina a inclinar-se, a posicionar hashis, a falar baixo.

Direção de atuação

Doçura firme, humor discreto; guia que retira a mão assim que a aluna encontra o passo.

PAUL – Mentor em Tana Toraja (*ma'nene'*)

Quem é?

Guia local com formação prática; combina reverência e pragmatismo.

Função dramática

Apresenta o *ma'nene'* como cuidado contínuo (limpar, vestir, fotografar, conversar com ancestrais.

Conflitos/fragilidades

Defende a tradição sem folclorizar; evita espetáculo do sacrifício e protege a comunidade de olhares invasivos.

Gestos e motivos

Tecidos, costura, mãos que arrumam o cabelo de um ancestral; risos que convivem com lágrimas.

Direção de atuação



Presença terrena, acolhedora; humor que abre espaço para o respeito.

MATEUS – Amigo em La Paz (*Ñatitas*)

Quem é?

Amigo de infância; espírito comunitário. Cuida do altar doméstico com a Ñatita da família.

Função dramática

Mostra a lógica de dar voz aos mortos (proteção, pedidos, gratidão); convida Júlia a dançar, integrando vida e luto.

Conflitos/fragilidades

Sabe que o rito pode ser mal interpretado; é firme em contextualizar sem pedir desculpas por sua cultura.

Gestos e motivos

Água para crânio, flores, velas; condução gentil da protagonista na festa.

Direção de atuação

Calor social, afeto público; transforma medo em pertencimento.

COLETIVOS – Comunidade e ritos

Quem são?

Familiares brasileiros (capela/cemitério), fiéis e monges no Japão, aldeões Toraja, devotos bolivianos, padre, anciã.

Função dramática

Dar escala social aos rituais e dissolver o protagonismo individual quando necessário. São o “corpo” que sustenta o gesto ritual.



Condução ética

Evitar exotização; priorizar metonímia (mãos, objetos, som) ao invés de choque visual; consultoria cultural para protocolos e linguagem.

Gestos e motivos

Pinças e incenso (Japão); tecidos e pátio (Toraja); crânios adornados e música (La Paz); terço, lavanda, abraços (Brasil).

Direção de atuação

Coral de presenças; o filme escuta mais do que explica.

4.3 Espaço e tempo

O tempo diegético do roteiro abarca aproximadamente de dois a três meses, começando no preparo de Belo Horizonte e se estendendo pelo trabalho de campo no Japão, na Indonésia (Tana Toraja) e na Bolívia (La Paz), até voltar ao Brasil para o desfecho. Não se refere a um tempo “cronológico” severamente marcado por datas, mas de um tempo de maturação: cada fase atua como um bloco de vivência que aumenta a escuta da protagonista. O ritmo é contemplativo, com elipses discretas (passagens de viagem, deslocamentos) e pausas observacionais que possibilitam ao espectador identificar o gesto, o som e o silêncio como unidades de sentido.

Em Belo Horizonte, o tempo é o do dia a dia: manhãs, tardes e noites que se identificam na luz da cidade, nos espaços domésticos (casa da Júlia, casa da Tia Maria), nos ambientes institucionais (hospital, capela, cemitério) e no centro urbano (praças, mercado). O papel de Belo Horizonte é duplo: enraizar (apresentar vínculos, objetos-memória como terço e a lavanda) e fechar (acolher a síntese no velório e no enterro). O tempo da cidade aqui não é frenético; é respirado, marcado por rotinas que, mais tarde, serão reenquadradas pelo aprendizado em campo.



No Japão, o tempo assume uma precisão cerimonial. Estações, trânsito e protocolos (metrô, templo, casa funerária) são notados como coreografias sociais. A cerimônia do *kotsuage* concentra os minutos e aumenta a percepção: cada gesto é tempo — o incenso que queima, as pinças que tocam o osso, a disposição cuidadosa dos restos. A dramaturgia desacelera para que o espectador sinta o valor do toque sem recorrer à exposição verbal. O restaurante e o quarto de hotel completam esse bloco temporal como zonas de decantação, onde a experiência ritual se transforma em reflexão íntima.

Em Tana Toraja (Indonésia), o tempo é cíclico e comunitário. A vila, o pátio central, a casa do guia e a área de exumação se organizam em torno do *ma'nene'*, rito que alterna trabalho concreto (limpar, vestir, fotografar) e convívio (risos, conversas, histórias). A paisagem (montanhas, campos) e o vento funcionam como métricas naturais: a protagonista percebe que cuidar é continuidade e que o tempo do luto pode ser manutenção — não encerramento. As tardes alongadas e as noites junto à fogueira dão o compasso de um tempo vivido em comum, sem urgência.

Em La Paz (Bolívia), o tempo é festivo e devocional. O teleférico, as ladeiras e a altitude criam uma sensação física de desnível e suspensão, que prepara a protagonista para a Fiesta de las *Ñatitas*. Na praça/altar, o relógio social mistura música, velas e flores: a experiência do rito é de presença coletiva, na qual o tempo do luto encontra abrigo no tempo da festa. A casa de Mateus, com o altar doméstico, introduz um tempo íntimo e repetitivo (trocar a água, ajeitar as flores), convertendo a proteção dos ancestrais em ato cotidiano.

A montagem preserva a unidade de cada espaço, mas cria rimas temporais entre eles: silêncio/respiração (BH ↔ Japão), gesto de cuidado repetido (Japão ↔ Toraja), voz e música (Toraja ↔ La Paz). A cada bloco, objetos-motivo ajudam a “marcar” o tempo: omamori (Japão), tecido/pingente (Toraja), flor/vela (La Paz), que retornam a BH no epílogo como constelação de memórias. Essa



estratégia organiza um tempo interno da personagem (o da elaboração) que não coincide, necessariamente, com o calendário externo.

Do ponto de vista de realização, a construção temporal é exequível: os três países podem ser recriados em sets equivalentes com direção de arte e desenho de som, mantendo o ritmo contemplativo. As transições (aviões, estradas, mudanças de luz) e as elipses (cartelas discretas, planos de respiro) estabilizam a jornada sem exigir deslocamentos longos. Assim, espaço e tempo operam juntos: cada lugar produz um modo de tempo, e cada modo de tempo revela um modo de cuidado — eixo conceitual e sensorial do filme.

4.4 Direção estética

A direção estética parte de um princípio de observação: a câmera não “explica” o ritmo; assiste a ele. Isso implica discrição (presença respeitosa, sem invasão), planos que privilegiam o gesto e uma duração justa — tempo suficiente para que a ação ganhe sentido sem cair na redundância. O espectador é convidado a ver e ouvir antes de interpretar. A ética do olhar orienta todas as escolhas formais.

Dispositivo de câmera e enquadramento

- Linguagem base: câmera na mão estável ou tripé de baixa altura em momentos rituais; travellings curtos apenas para acompanhar deslocamentos orgânicos (procissões, entradas/saídas);
- Lentes: gama média (35 a 50mm) para presença sem distorção; 85 a 105mm em detalhes de mãos, tecidos, flores, pinças — metonímia em vez de exposição gráfica. 24 a 28mm reservado a paisagens e espaços coletivos;
- Composição: priorizar planos abertos para ver a comunidade e meio-fechados para o gesto; close-ups econômicos, usados como acentos dramáticos (respirar, segurar, inclinar);
- Olhar da protagonista: quando necessário, inserir planos subjetivos breves para marcar a experiência de Júlia (sem tornar tudo subjetivo). O olho da



personagem aprende a ver — o enquadramento acompanha essa aprendizagem (de observação distante a proximidade confiante).

Luz e paletas cromáticas

- Luz natural como primeira opção; apoio com difusão e rebatidas para manter contraste suave. Evitar “embelezamento” excessivo que romantize rituais;
- Japão (madeira/cinzas): interiores quentes de madeira, cinzas frios do metal/cerâmica; janelas filtradas, contraste baixo. No *kotsuage*, luz lateral e difusa para revelar textura sem espetacularizar;
- Tana Toraja (terrás/vermelhos): sol baixo (manhã/tarde), poeira suspensa, temperatura levemente quente; vermelhos dos tecidos contrastam com tons terrosos; fogueira à noite cria modelagem escultural dos rostos;
- La Paz (flores/cores vivas): céu alto e ar seco; cores saturadas de guirlandas, velas e roupas populares; à noite, pontos de chama e névoa leve para profundidade; manter neutro o tom de pele para não contaminar pela cor do cenário;
- Belo Horizonte (neutro doméstico): branco quebrado/azul hospitalar; casa com tons cremosos e a lavanda como assinatura de cor. No cemitério, verdes e cinzas com ponto lilás das flores.

Produção de arte e figurino (metonímia)

- Construir sentidos com poucos elementos-signo: terço, lavanda, omamori, tecidos Toraja, crânio adornado. A câmera os revisita em rimas visuais ao longo da narrativa;
- Figurino de Júlia des-satura ao início (cinzas/azuis), ganha calor em Toraja (terrosos suaves), incorpora acessórios de La Paz (flor, fita), e retorna a BH com pequena constelação desses elementos (sem caricatura);



- Evitar objetos sensíveis reais; priorizar simulacros e representações respeitosas. O “efeito” da morte é construído por som, textura e comportamento, não por exposição corporal.

Som direto e desenho sonoro

- Som como vetor de sentido: o mundo sonoro é concreto (pinças encostando em cerâmica, sussurro do incenso, dobra de tecido, vento de altitude, tambores). Gravar atmosferas longas e camadas discretas; excluir trilhas invasivas;
- Silêncio como signo dramático: não é ausência, mas compressão de ruído; prepara entradas pontuais de voz (reza curta), vento (respiro) ou batida (passagens rituais);
- Música: mínima, diegética quando possível (cantos, procissão, festa). Qualquer música adicional deve ser textural, em dinâmica baixa, evitando guiar a emoção;
- Mixagem: privilegiar inteligibilidade do gesto (o som do tocar, dobrar, acender) sobre diálogos explicativos; LCR/5.1 quando disponível, com campo traseiro para ambiências (vento, murmúrio, sala).

Montagem e ritmo

- Ritmo contemplativo: planos com tempo suficiente para que o gesto complete seu ciclo; cortes e respiração entre blocos;
- Elipses suaves: transitar entre países por partes sensoriais;
- Tripé conceitual na montagem: tocar (Japão); vestir (Toraja); dar voz (La Paz). Intercalar micro-rimas: mão que toca osso; mão que veste tecido; mão que acende vela;



- Clímax silencioso: sequência final no cemitério utiliza redução progressiva de camadas sonoras até o silêncio total, seguido por retorno do ambiente leve (gesto de aceitação).

Tipografia, legendas e acessibilidade

- Legendas discretas para identificar rituais/lugares quando necessário;
- Acessibilidade: closed captions com descrição sonora (“vento suave”, “sinos ao longe”);
- Idiomas: falas em japonês e espanhol mantidas curtas, legendagem que mantém cadência e respeito aos termos rituais.

Ética de representação

- Decisão formal central: adoção de metonímia ao invés de imagens que possam sensacionalizar a morte;
- Protocolo cultural: consultar pessoas locais para posicionamento de câmera, limites de registro e utilização de imagem. Evitar enquadrar rostos de familiares sem permissão explícitos em rituais sensíveis;
- Distância adequada: planos que mantém privacidade e dignidade; quando houver dúvidas, ouvir o espaço (som) e respirar com a cena.

Pós e cor

- Correção de cor por paletas: Japão (contraste baixo, matriz fria leve nas sombras, midtones neutros); Toraja (quentes moderados, reforço de vermelhos/terrás sem “clipar” pele; La Paz (saturação em flores e fitas; azuis de altitude preservados); Belo Horizonte (neutro com toques lilás e verde das lavandas);
- Granulação sutil para coesão entre sets reais e equivalentes.

Direção de atuação e proximidade



- Atuação em baixa voltagem: emoções para dentro, moduladas por respiração, olhar, hesitação; humor leve para liberar tensão sem quebrar reverência;
- Protagonista em aprendizado: sua distância física do rito reduz conforme aumenta a distância focal, a câmera acompanha essa aproximação.

4.5 Estrutura narrativa por sequências

Prólogo – Belo Horizonte: a cidade que respira

Abertura do cenário se passa em um quarto de hospital, onde se pode observar uma paciente inerte em uma cama hospitalar. O ambiente emana uma calma profunda, apenas interrompida pelo som constante e rítmico dos monitores médicos, que evidenciam a necessidade vital da paciente.

A entrada da Tia Maria no quarto é cautelosa, insinuando que a paciente se encontra inconsciente e ressaltando a fragilidade do momento. A tensão da história atinge seu ápice quando um profissional de saúde, um médico, entra trazendo notícias devastadoras sobre a condição da paciente, quando ele informa que a ela “não acordará mais”, a atmosfera se torna crítica.

Paralelamente, o monitor cardíaco emite seu último sinal sonoro, seguido de uma linha reta e contínua, o que indica uma parada cardíaca, o desespero de Tia Maria explode nesse instante. O médico reage prontamente, pressionando o botão de emergência, que provoca a entrada de uma equipe de enfermagem equipados para tentativas de ressuscitação. Enquanto a emergência se inicia, Tia Maria está imobilizada pelo choque.

A cena conclui com a câmera afastando do quarto pela janela, ampliando a vista para a paisagem urbana, repleta de prédios e telhados. Essa transição visual é seguida por uma elipse narrativa, levando a um momento anterior, dois meses



antes, em Belo Horizonte, introduzindo o contexto que culminou nessa tragédia. Começa a abertura sensorial de Belo Horizonte (bares, hospital, mercado, avenidas e praças).

A antropóloga Júlia, cujos conhecimentos se especializam na complexidade dos rituais de morte ao redor do globo, está vivenciando um momento decisivo em sua trajetória profissional. Júlia aparece no dia a dia, com gestos leves, cadernos, terço da avó. No escritório, com Lucas, define-se o projeto e o percurso metodológico. A conversa rapidamente se direcionou para os projetos de pesquisa de Júlia, mas ela prontamente destacou a nova fase do seu trabalho: “Não. Meu objetivo é ir além da teoria”.

Júlia compartilhou sua decisão de embarcar em uma jornada interna e prática sem precedentes, buscando vivência autênticas dos rituais que estudava. Seu novo enfoque seria uma mescla, combinando pesquisa empírica com entrevistas, observações diretas de cerimônias em diversas culturas e, o aspecto mais essencial, a participação ativa em algumas delas.

Para concretizar esse plano, traçou um itinerário que a conduziria a três locais culturalmente diversos, que considera fundamentais para seu estudo comparativo: “Primeiro será a Bolívia, depois, o Japão, e por último, a Indonésia.” A conversa se encerra.

Mais tarde em seu escritório, imersa em seus pensamentos, a viagem ganhou um novo ímpeto com a chamada de seu amigo Kenji, residente no Japão, a incentivou a estabelecer uma data para sua visita em seu país, inserindo um senso de urgência em seus preparativos.

Em seu quarto, enquanto lutava contra uma leve dúvida, Júlia se permitiu refletir e foi nesse momento que decidiu que o Japão seria seu primeiro destino, concentrando-se no ritual específico conhecido como *Kotsuage*. Ao observar o



mapa, com seu olhar fixo, ela tocou onde está escrito “*Kotsuage*”, firmando seu destino e foco de sua pesquisa.

A decisão foi rapidamente comunicada e validada por mensagem de texto, quando seu celular vibra na sala de estar, os dois conversam sobre sua viagem ao Japão. O toque final antes de partir aconteceu na cozinha de sua casa, enquanto enxaguava a última caneca, seu celular vibra e a tela mostra o nome Tia Maria. O ambiente, com imagens de suas viagens passadas penduradas na parede, se preparava para o que provavelmente seria sua última conversa antes de embarcar na jornada que transformaria sua vida.

Noite: Júlia dirigia por uma estrada sombria e úmida, quase completamente coberta por uma neblina que se erguia do pavimento, gerando uma sensação de pressa e solidão. No interior do carro, o relógio digital pulsava sem parar, lembrando Júlia de como o tempo estava se esgotando para ela conseguir pegar seu voo. Ela acelera, mantendo as mãos firmes no volante, determinada a reduzir a distância.

De repente, a escuridão foi quebrada por uma luz distante que se aproximava de maneira incontrolável, a luz se desfez em um fulgor que iluminou a estrada. O som estridente dos freios e um grito abafado antecederam o impacto seco e o estilhaçar do vidro, o airbag foi ativado com um estalo surdo, enquanto o cinto de segurança a segurou firme, prendendo-a em sua própria respiração. Um silêncio ensurdecedor se instalou, enquanto o tempo pareceu parar, interrompido somente pelo eco da respiração de Júlia, que logo também se calou, mergulhando a cena em um silêncio total.

Elipse para o avião — ambiguidade entre sonho e memória prepara o tema da passagem. Júlia é subitamente despertada da poltrona do avião, sugerindo



que o incidente anterior poderia ter sido um pesadelo. Esta cena dá início ao capítulo 2: Viagem do Autoconhecimento.

Ao chegar no aeroporto, Júlia sente-se um pouco confusa, mas logo recupera a compostura, deixando o incidente da estrada para trás. Ao encontrá-la, Kenji a acolhe, e os dois seguem para um restaurante, lá, ele lhe proporciona uma breve explicação sobre a etiqueta japonesa e presenteia-a com um Omamori, um amuleto que representa proteção.

Logo se dá o início ao ritual *Kotsuage*, realizada em um templo japonês. O ambiente é sutil e minimalista, adornado com flores brancas e o aroma de incenso. Neste ritual, que acontece diante de familiares serenos, envolve a transferência de ossos para uma urna, usando longos hashis ceremoniais.

A observação do ritual japonês gera um flashback marcante: Júlia, mais nova, no funeral da avó. A cena transparece uma dor sufocada, com velas, flores e um terço nas mãos dos parentes, no entanto, Júlia se afasta lentamente da cerimônia, saindo do local na tentativa de “afastar a dor”, enquanto o som abafado da cerimônia se torna distante.

Retornando ao presente, Júlia foca sua atenção nos gestos imbuídos de significado dos familiares no templo. Mais tarde, em um restaurante, ela compartilha com Kenji a profunda revelação que teve durante a cerimônia *Kotsuage*, ela admite que sua atitude anterior refletia impaciência e egoísmo, pois dedicou sua vida a explorar o mundo como uma forma de escapar da dor causada pela perda da avó não significa se prender ao passado, mas sim uma maneira de mantê-la “viva”.

Em seu último dia do ritual *Kotsuage*, Júlia é interrompida por um flashback repleto de dor e intensidade, que se passa na antiga casa de sua avó. A cena relata o momento do falecimento da sua avó: em uma leitura de rotina com sua neta Júlia, a avó se inclina levemente, sua voz se torna fraca e seus olhos se



encerram para sempre. Em seu último suspiro, o livro desliza de suas mãos caindo no chão, Júlia, entra em estado de negação, a chama dezenas de vezes, chacoalhando-a, cede ao desespero e clama por socorro, incapaz de assimilar o que acabou de vivenciar.

Retorna ao presente, após o ritual de despedida no templo, Júlia e Kenji passam um tempo juntos trocando palavras de consolo no quarto do hotel e no jardim do templo. Logo, Júlia se prepara para a próxima fase da jornada. Ao entrar em um táxi, a paisagem urbana japonesa rapidamente se transforma em uma sequência de construções baixas, barracas e motocicletas. O cenário muda drasticamente enquanto o táxi avança em direção ao novo destino: Celebes do Sul, na Indonésia.

O ambiente se altera para vastos campos de arroz em terraços e montanhas de tons azuis. Júlia apoia a cabeça na janela, absorvendo as novas vistas. O veículo passa por uma tradicional casa tongkonan, destacando-se pelo telhado curvado, com bandeirolas vermelhas e pretas, e chifres de búfalos empilhados, algo que o taxista aponta com orgulho, celebrando a chegada de Júlia a uma cultura diferente e a um novo rito de passagem.

Júlia chega à aldeia de Celebes do Sul, na Indonésia, caminhando por ruas de terra entre residências tradicionais sustentadas por pilares, ela é recebida com curiosidade e calor pelos habitantes locais, seu anfitrião, Paul dá as boas-vindas e descreve a cultura do lugar como o “cálice sagrado da interação com os mortos”, onde a morte é transformada em um “diálogo, carinho e cuidado”.

Paul expõe a Júlia que o Ma'nene não se limita a uma conversa; trata-se de cuidar e realizar a limpeza dos ancestrais, que são removidos de seus túmulos, vestidos com novas roupas e recebendo presentes, para que a conexão entre os vivos e os mortos permaneça inquebrável.



Ele a conduz até os sepulcros escavados na rocha, onde homens e mulheres colaboram, limpando a poeira e cuidando dos cadáveres. Com muito cuidado, um caixão é aberto, revelando uma figura ancestral seca e bem preservada, então os familiares do ancestrais levantam o corpo e o acomodam em uma cadeira, enquanto Júlia testemunha esse ritual.

A cena se desloca para o pátio comunitário, onde uma grande festividade do ciclo da vida se desenrola, reunindo famílias, tambores e búfalos. A parte culminante da celebração é o sacrifício do búfalo, um ato carregado de tensão e reverência, simbolizando a libertação do espírito para o além. Durante o sacrifício dois homens prendem o animal, enquanto outro utiliza uma machete para fazer cortes diretos em seu pescoço, levando o búfalo a vacilar e colapsar.

Impressionada e apreensiva, Júlia questiona Paul sobre o significado desse ato, e ele responde com um sorriso: o sacrifício liberta o espírito, garantindo a ele um “upgrade para a classe executiva no além”.

Depois da cerimônia de sacrifício, as famílias conduzem os ancestrais em uma procissão até suas residências. Em uma varanda, Júlia observa um ancestral sentado, rodeado por familiares vivos que compartilham relatos com ele. Júlia admite a Paul que o ritual foi tenso e bastante diferente do que ela estava acostumada, confessando que sua tia ficaria “horrificada”, Paul esclarece que, para eles, tirar os mortos do túmulo representa o maior respeito, uma maneira essencial de manter a conexão com os que partiram.

Júlia, então, tem uma nova percepção: mesmo após anos de estudos, percebe que ainda carregava elementos do preconceito ocidental em relação à morte, reconhecendo o quanto “normal e libertador” é ter interações abertas com os mortos, em contraste com os tabus e o isolamento comuns em seu país.



A discussão avança quando Paul critica a “abordagem ocidental de enterrar os mortos” em “fortaleza de cimento”, afastando-os dos vivos. Júlia concorda e menciona uma entrevista em que os clientes perguntavam sobre o estado do corpo caso passassem anos sem ver a pessoa falecida, concluído que observar o ente querido, mesmo quando modificado, é menos assustador do que o que a imaginação pode conjurar. A cena finaliza com Júlia e Paul discutindo o tabu cultural em torno da morte.

Júlia e Paul descem calmamente um caminho nas Montanhas de Tana Toraja, Indonésia, trocando apenas um provérbio local referente à constante presença dos antepassados, que Júlia registra em seu caderno. A câmera se distancia, reduzindo a imagem dos dois dentro da vastidão da paisagem.

O dia chega ao fim no pátio da aldeia, onde Júlia se acomoda e observa a luz do crepúsculo se dissipar. Enquanto segura um bastão esculpido, ela começa a perder a conexão com a realidade. As cores se atenuam, seus olhos parecem mais pesados, e os sons ao seu redor são gradualmente suprimidos por um zumbido profundo e contínuo que parece ecoar de sua própria memória, o canto dos grilos se mistura lentamente ao barulho das turbinas.

Júlia acorda abruptamente, novamente na poltrona de avião. A imagem da vila indonésia parece remota, como uma lembrança embaralhada, enquanto enfrenta a luz artificial e a movimentação do avião, ela observa seu reflexo na janela, intrigada e com a mente nublada, sentindo um abismo entre dois universos.

Ao desembarcar no Aeroporto de La Paz, na Bolívia, encontra Mateus, um amigo de infância, cuja presença amistosa a faz retornar ao momento presente. Júlia, claramente relutante, revela a ele a sua confusão de sua abrupta transição de locação. Mateus, mantendo uma expressão séria, assume o papel de guia nesta



sua “aventura de despertar”, garantindo que La Paz possui um jeito especial de recuperar as memórias esquecidas.

Mateus leva Júlia até sua casa simples, decorada com têxteis andinos. No centro, há uma mesa preparada para tradição das *Ñatitas*: um crânio humano (ñatita) adornado com flores, fitas, um rosário e oferendas, enquanto Mateus discorre sobre o festival e seu significado.

A jornada continua pelas ruas de La Paz, onde se juntam ao ritual *Ñatitas*, em uma praça cheia de vendedores de flores e miniaturas. Júlia segura uma vela branca – suas mãos ainda tremem devido à altitude – e observa os crânios decorados com coroas e pertences pessoais dispostos no altar, acompanhados por cantos e batidas de tambores.

O impacto do ritual boliviano evoca uma lembrança dolorosa de sua mãe. Flashback: Enquanto ensina Júlia a quebrar ovos, a mãe transforma a atividade em um jogo, mas revela uma ansiedade escondida. No quintal, enquanto brincam com teatro de sombras, a mãe está frequentemente distraída pelo celular, ocultando notificações. Diante do sono iminente da filha, leva-a ao quarto, colocando-a na cama com delicadeza. Ela acaricia o rosto da filha por um tempo, como se desejasse gravar aquele toque, e a beija na testa, e se levanta, pega uma mala já preparada encostada na parede. Júlia, meio desperta, vislumbra apenas a sombra desfocada da mãe se esvaindo pela escuridão do corredor, selando sua saída com um suave estalo da porta.

Júlia volta ao presente em meio ao ritual das *Ñatitas*. Em lágrimas, Júlia finalmente permite-se sentir e liberar sua dor. Mateus a convida para dançar ao som dos tambores e cantos da vila. Após a dança, Mateus a conduz a uma ñatita e a apresenta para Júlia, ele a instrui a se sentar diante da ñatita, contar o que doeu e o que ainda dói, garantindo que elas não julgam nem mandam esquecer, mas



“seguram junto” para que a pessoa se levante mais leve. Julia trêmula, aceita seu conselho, reacendendo uma vela, se senta diante da ñatita.

Júlia acorda em um quarto banhado pela luz da lua, onde a ñatita da família de Mateus – um crânio humano ricamente decorado para rituais – descansa em cima da mesa de cabeceira, aguardando uma visita noturna. No dia seguinte, ela se envolve mais profundamente no ritual ao ser recebida por Dona Luzmira, que a convida para conhecer as guardiãs da família.

Aproximando-se, Júlia se deixa envolver pelo brilho das velas, pela cera que derrete e pelo cigarro aceso na boca de uma das caveiras. Uma jovem a incentiva a participar, entregando-lhe uma tigela para que ela limpe a testa de uma ñatita menor, aceitando o convite, Júlia toca a superfície gelada do crânio. Ao seu redor, outras pessoas chegam para deixar suas oferendas – pedras, flores, cigarros e terços feitos à mão.

Um homem menciona que sua “madrinha”, uma ñatita, se queixa em seus sonhos se não for visitada, levando Júlia a sorrir. Com tranquilidade, Dona Luzmira explica o princípio fundamental do ritual que as ñatitas sempre estão conosco, mas detestam se sentirem abandonadas. Ela reforça que ao dialogar com as ñatitas significa conversar com a memória, que possui o conhecimento do caminho, Júlia assente, e em um gesto de aceitação coloca um pequeno cordão feito de erva diante da caveira que acabou de limpar.

A noite avança com a família reunida ao redor de uma fogueira no pátio. Uma mulher idosa narra histórias, ensinando que os ossos têm seu próprio tempo para falar e que a conexão fica forte por meio da paciência e da sinceridade.

Ao entrar no carro para partir, o sol se põe, envolvendo a estrada sinuosa em uma luz dourada suave. Em um close, as mãos de Júlia seguram um pendente que reflete a luz. A câmera se eleva, fazendo com que o pendente fique fora de



foco, enquanto a imagem começa a tremer, sugerindo uma transição entre a realidade e a memória. O veículo se afasta, se tornando pequeno na estrada até que a luz solar clareia e dissolve a cena em poeira.

Gradualmente, formas brancas e acinzentadas emergem – lençóis, metal e o brilho de equipamentos hospitalares. A transição se completa com o som constante de um BIP cardíaco que se estabiliza, sinalizando o retorno ao ambiente inicial do hospital.

No instante em que o relógio de Júlia para, ecoa o som do Bip final do quarto do hospital, e o monitor cardíaco revela uma linha reta. Tia Maria cobre a boca com a mão, tentando silenciar um grito que logo se transforma em um desespero profundo. Enquanto o médico pressiona o botão de emergência, e as enfermeiras entram no quarto para iniciar a ressuscitação.

Nesse instante, o espírito de Júlia aparece em um canto do quarto vestida com a roupa do hospital e descalça. Confusa e apavorada, percebe que está deitada na cama, e, em desespero, murmura: “Não...ainda não. Isso não pode estar acontecendo. Eu não estou pronta.”

Seus amigos – Mateus, Ana, Carlos e Kenji – entram no ambiente, formando um círculo silencioso, Júlia, tenta sem sucesso tocar o ombro de tia Maria ou chamar os amigos pelo nome; suas mãos atravessam o corpo da tia e sua voz permanece silenciosa.

Após deixar o hospital, tia Maria e os amigos se dirigem à casa de Júlia para organizar os preparativos do funeral. Tia Maria coleta objetos – uma foto, o terço da avó – tocando cada item com cuidado e ajoelhando-se diante de caixas cheias de recordações esquecidas.



Kenji, ao abrir uma mala, revela o “tesouro” de Júlia, contendo os itens emblemáticos de sua trajetória: o terço da avó, o Omamori japonês, o tecido do *Ma'nene* indonésio, assim como a flor e a vela de La Paz. Os amigos se aproximam, tratando cada objeto com respeito.

Movida por um impulso, o espírito de Júlia se dirige ao caixão. Enquanto caminha, as imagens fragmentadas de todos os rituais funerários que estudou – *Ma'nene*, *Kotsuage*, *Ñatitas* – a invade. Ela toca a borda do caixão, sua mão tremendo sobre o terço da avó ali disposto.

O funeral ocorre em um ambiente repleto de nostalgia e respeito. Kenji, Carlos, Letícia e Tia Maria se posicionam ao redor do túmulo. A cerimônia avança em direção ao buraco na terra, onde o caixão é lentamente descido por cordas, fazendo um som abadado ao alcançar o fundo.

Tia Maria se aproxima e coloca uma flor de lavanda na tampa do caixão, o Padre faz a despedida, e o grupo se dispersa. O espírito de Júlia se encontra ao lado de seu túmulo. Ela tenta tocar a lápide na esperança de um último contato físico, mas sua mão atravessa o granito. Seus punhos se fecham de frustração, então ela observa seus amigos (Tia Maria, Paul, Kenji, Lucas, Mateus) dispersarem em murmúrios contidos.

Conforme avança, uma luz dourada, quente e acolhedora, começa a emanar do solo sob seus pés, o mundo parece desacelerar até se transformar em um zumbido distante, que se torna uma única nota musical suave: a canção de sua partida. Júlia observar seu próprio caixão enterrado.

Seu rosto se ilumina, e sua forma etérea começa a vibrar. Ela dá um passo sólido em direção ao brilho dourado, e seu corpo espiritual começa a se fragmentar em minúsculas partículas luminosas. Antes de se unir à luz, ela dirige um olhar ao grupo, eles não conseguem vê-la, mas Mateus e Tia Maria respondem à presença



invisível, sentindo uma brisa suave. Seu corpo se desintegra, evaporando na luz até a última partícula. A luz no centro do pátio se retira abruptamente, extinguindo-se como o último suspiro de uma fogueira, enquanto Júlia completa sua jornada de autoconhecimento.

4.6 Pontos detalhados por blocos (macro e micro)

Belo Horizonte – Apresentação e motivação:

- Imagem-matriz: cama hospitalar/amanhecer
- Rotina de BH em mosaico
- Escritório: Júlia e Lucas discutem método e ética (não exotizar ritos, solicitar consultoria)
- Telefonema com Kenji: o valor da prática
- Sinal premonitório na estrada e elipse para o avião

Japão – Observação e espelho:

- Etiqueta cotidiana (metrô, silêncio, pontualidade) como coreografia social
- Porta do templo e incenso, familiares se organizam
- *Kotsuage*: pinças, ossos posicionados; clima de reverência
- Olhar de uma senhora para Júlia dispara memória do funeral da avó
- Refeição: conceito de “cuidado final”
- Noite: colar da avó; compromisso íntimo da protagonista.

Tona Toraja – Comunidade e continuidade

- Caminho até a vila, recepção por Paul
- Preparos para *ma'nene'*: roupas, tecidos, perfumes; familiaridade das crianças com os ancestrais
- Ritual: corpos vestidos, fotografias, conversas com os presentes



- Entendimento do sacrifício como passagem simbólica (mostrado por reações/sons)
- Conversa na montanha: “carregar com leveza”

La Paz – Proteção e voz

- Chegada e adaptação à altitude
- Altar doméstico; água e flores para a Ñatita;
- Festa: canto e dança; relatos de milagres e de proteção cotidiana
- Júlia acende uma vela e dança
- Noite: tríade de símbolos no criado-mudo.

Belo Horizonte – Luto e integração

- Vigília no hospital e despedida
- Chuva, capela, cemitério
- Falas afetivas, lavanda, descida do caixão
- Montagem final rima objetos e gestos dos três países com os brasileiros

4.7 Ética e verossimilhança

A história parte da compreensão de que ritos funerários são patrimônio sensível e, por essa razão, a ética precede a conduzir todas as decisões estéticas e produtivas. A obra recusa a exotização da diferença cultural e a espetacularização da morte: não procura “provas visuais” do sagrado nem imagens chocantes, priorizando a metonímia (mãos, respiração, objetos e luz) como linguagem de respeito. Ao invés de explicar culturas a partir de fora, o filme ouve práticas de cuidado a partir de dentro, com a protagonista ocupando o lugar de observadora-participante. Ela aprende, a comunidade ensina quando e se deseja, e a câmera acompanha essa assimetria com humildade.



Esse comportamento ético se materializa em consulta formal em cada eixo narrativo (Japão, Tona Toraja e La Paz), cobrindo terminologia, etiqueta, iconografia, limites de registro e, acima de tudo, aquilo que não deve ser filmado. O consentimento é livre, prévio e informado, com clareza sobre os usos das imagens; existe direito de recusa e de revisão, inclusive através de sessões de devolutiva em cada comunidade antes do corte final. Espaços sagrados somente são registrados através de autorização específica. Quando ocorrer segredo ritual, opta-se por reconstituições simbólicas em set neutro, informadas ao público.

A representação e a linguagem preservam a cadência e a dignidade dos ritos. Termos originais — como *kotsuage*, *ma'nene* e *Ñatitas* — são mantidos com glosas discretas, evitando simplificações e analogias empobrecedoras. A legendagem respeita hesitações, rezas e cantos como tal, não como música de fundo, e, quando a contextualização se faz necessária, privilegiam-se vozes locais (mentores e anciãos), não a narração explicativa da protagonista.

O enquadramento preserva distância respeitosa. Close-ups incidem sobre gestos e objetos, não sobre momentos íntimos de dor sem consentimento explícito. Quando protocolos vedam filmagem direta, utilizam-se simulacros transparentes — pinças cenográficas, crânios de resina, roupas — sem enganar o público: cartelas informam reconstituições simbólicas e locações equivalentes. Figurino e direção de arte evitam colagens sincréticas e “misturas de motivos sagrados”; cada universo visual permanece coerente ao seu contexto.

As relações de poder são tratadas com retribuição e transparência. Participantes recebem cachês ou ajudas de custo, alimentação e transporte; mediadores locais e intérpretes reduzem assimetrias; créditos nomeiam consultorias e comunidades. Pessoas vulneráveis — especialmente menores em luto — não são filmadas sem autorização expressa; rostos fragilizados em momentos críticos só aparecem por pedido explícito. A produção adota cuidados de



saúde e segurança, com protocolos de biossegurança quando necessários, e cuida também do bem-estar emocional da equipe, prevendo pausas e apoio. Em menções a sacrifícios de animais, a abordagem permanece indireta (som, reação), sem reprodução da prática para a câmera.

A verossimilhança não confunde realismo literal com verdade social. A obra assume procedimentos ficcionais — estrutura, elipses e reencenações simbólicas — sem alegar registro “puro”. A coerência nasce da consulta contínua, de protocolos claros e de rimas internas entre motivos visuais (terço, lavanda, *omamori*, tecido Toraja, flor Ñatita) que retornam ao Brasil no desfecho. Cartelas discretas esclarecem reconstituições e sets equivalentes, evitando induzir o público a erro.

A gestão de direitos de imagem e som é criteriosa, com termos em idiomas locais, guarda segura de autorizações e política de arquivamento que prevê devolução de trechos para uso comunitário quando solicitado. A distribuição e a promoção mantêm o mesmo cuidado: materiais de divulgação não exploram símbolos sensíveis como atração, priorizando imagens de mãos, velas e tecidos.

Por fim, a revisão ética estrutura a própria montagem. Cada decisão de corte passa por um checklist de sensibilidade — contexto suficiente, distância adequada, consentimento explícito e necessidade dramática real. Em caso de dúvida, prevalece o princípio: se soou indevido para quem pratica o rito, corta-se. Em síntese, a verossimilhança aqui é honrar a verdade social dos rituais por escolhas formais prudentes, consulta contínua e transparência com quem vê; a ética não é adendo, é método de criação.

4.8 Motivos e rimas visuais/sonoras

A construção de sentidos na narrativa depende de um sistema de motivos (objetos, cores, gestos e sons) que retornam em diferentes países e circunstâncias, criando rimas internas. Esses retornos conectam espaços e culturas, além de



mapear a transformação de Júlia. Cada reaparição do motivo desloca seu significado, do olhar externo ao pertencimento.

Objetos-signo e sua evolução

- Terço e lavanda (Belo Horizonte): no começo, são resíduos domésticos de memória (prateleira, gaveta). No final, tornam-se âncora de continuidade (a lavanda ressurge no cemitério como assinatura olfativa do adeus e ecoa na paleta lilás suave da cena final).
- Omamori (Japão): primeiro objeto de cuidado recebido. Aparece como presente, depois migra para o bolso de Júlia, até compor o altar íntimo no hotel. No epílogo, surge ao lado do terço, sinalizando integração de práticas.
- Tecidos/pingente (Tana Toraja): vestes, laços e dobras aparecem como trabalho de mãos. Seu papel prático (vestir o ancestral) vira gesto de cuidado que Júlia replica ao dobrar suas próprias roupas antes de partir.
- Crânio/Flor (Ñatita – La Paz): o crânio adornado, inicialmente estranho, é humanizado pela flor e pela água trocada. Em Belo Horizonte, a flor (não o crânio) retorna como metonímia da proteção, evitando choque sensorial e mantendo a ética da representação.

Rimas de gesto (a gramática do cuidado)

- Tocar (Japão): pinças, mãos próximas, inclinações sutis.
- Vestir (Toraja): alinhar tecido, ajeitar cabelo, amarrar fitas.
- Dar voz (La Paz): acender vela, cantar, dançar.

Em Belo Horizonte, esses três gestos se recombinam: tocar (mão de Tia Maria no caixão), vestir (arrumar a foto/terço), dar voz (orações e lembranças partilhadas).



- Olhar, respirar e abraçar: micro rimas corporais. Júlia primeiro olha (distância), depois respira (ritma-se ao entorno) e, por fim, abraça (Mateus na praça; Tia Maria no cemitério), sinalizando aproximação afetiva.

Paletas cromáticas e rimas de cor

- Japão (madeiras/cinzas): neutralidade ritual e precisão tátil.
- Tana Toraja (terras/vermelhos): presença festiva do luto.
- La Paz (flores/cores vivas): presença festiva do luto.
- Belo Horizonte (neutros com lilás/verde): casa e despedida.

As paletas rimam por pontos de cor, o vermelho discreto de Toraja encontra o vermelho das fitas na praça de La Paz. O lilás da lavanda aparece suavemente em Belo Horizonte e reverbera nas flores do altar boliviano.

Efeitos sonoros e silêncio

- Pinças/cerâmica (Japão): som seco e preciso, em plano fechado de áudio.
- Vento nas montanhas (Toraja): camada atmosférica de respiro, rima com a respiração de Júlia.
- Tambores/vozes (La Paz): pulso coletivo que convida ao corpo (dança).
- Silêncio dramático: não é vazio, é compressão; aparece antes dos picos rituais e no clímax do cemitério.

O silêncio final é aceitação, seguido de um retorno muito baixo de ambiente natural (folhas, passos).

Coreografia dos planos (como ver o motivo)

- Planos-matriz para cada país:
 - ✓ Japão: meio-fechado nas mãos; som de pinça em primeiro plano.
 - ✓ Toraja: meio-aberto de cintura para cima, para ver a cadeia das mãos.
 - ✓ La Paz: aberto para dança/altar; close rápido no acender da vela.
 - ✓ Belo Horizonte: fixo com profundidade curta; o ponto lilás guia o olhar.



A repetição intencional desses enquadramentos cria reconhecimento sem monotonia.

Acessórios dramáticos

- Objetos nunca aparecem como curiosidade, entrem em uso (*omamori* dado/guardado, tecido vestido, flor trocada).
- A câmera evita “catálogos de adereços”, filma processos (acender, dobrar, ofertar), não coleções.

Rimas de movimento e corpo

- Inclinar-se (Japão); curvar o tronco no trabalho (Toraja); erguer os braços na dança (La Paz).
- Andar lento nos corredores (Belo Horizonte/Japão); marcha em pátios (Toraja); círculo na praça (La Paz).

Essas trajetórias corporais sugerem a passagem do indivíduo ao coletivo.

Encerramento: constelação de motivos

No epílogo, terço, *omamori*, tecido e flor compõem um altar doméstico mínimo. O quadro final não “explica”: permite que o espectador leia essa constelação como síntese da jornada — do toque ao vestir, do vestir à voz, da voz à presença silenciosa. O filme, assim, encerra a história com a mesma gramática que a construiu: objetos em gesto, cores em respiração, sons em cuidado.

4.9 Conclusão

“Além do Véu” encena a travessia do luto individual para a pertença coletiva por meio de três tecnologias sociais do cuidado — *kotsuage* (Japão), *ma'nene'* (Tana Toraja, Indonésia) e *Ñatitas* (La Paz, Bolívia). Ao deslocar a protagonista entre culturas, o filme opera um retorno: é na alteridade que Júlia encontra linguagem para nomear a própria dor e, finalmente, reinscrevê-la no seu



lugar de origem. A jornada, portanto, não exalta a diferença como exotismo, mas revela modos de continuação: rituais que não encerram a vida, antes a redistribuem em vínculos, gestos e memórias.

Cinematograficamente, a obra transforma conceitos em forma: a câmera discreta e o som de proximidade (pinças, tecido, respiração, vento, tambores) assumem a função de pedagogia sensorial, substituindo explicações por experiência. As rimas visuais/sonoras — terço/lavanda, *omamori*, pingente Toraja, crânio florido — tecem uma gramática comum que atravessa contextos e sustenta o arco de Júlia: do evitamento à presença, do silêncio tenso ao silêncio pleno. A montagem preserva pausas e durações, autorizando o espectador a habitar a cena em vez de apenas consumi-la.

No plano ético, o projeto delimita um campo de respeito: não há espetacularização da morte, e a protagonista atua como observadora-participante, abrindo espaço para a voz das comunidades e para o cuidar coletivo como protagonista real. O filme assume transparência sobre reconstituições e autorizações, devolvendo às pessoas filmadas o sentido do que se registra.

Como proposta formativa, “Além do Véu” oferece uma educação para a morte — entendida como educação para a vida. Ao afirmar que lembrar é cuidar e que cuidar é continuar, a obra convida o público a integrar perdas ao cotidiano com responsabilidade, ternura e partilha. No retorno a Belo Horizonte, a protagonista legitima um modo local e íntimo de seguir adiante, mostrando que a viagem exterior foi, sobretudo, um caminho para dentro. O resultado é um cinema de escuta que celebra a continuidade dos vínculos e reivindica o luto como prática social de esperança.



5- FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A proposta de Além do Véu assenta-se em três eixos: antropologia da morte e do luto, linguagem e ética do documentário/ficção contemporânea com destaque sensorial e estudos de adaptação e intertextualidade. O objetivo não é compilar definições, mas aplicar criticamente conceitos para justificar alternativas narrativas, estéticas e éticas do roteiro.

5.1 Antropologia da morte: ritos como tecnologias sociais do cuidado

A abordagem parte do entendimento de que os rituais funerários geram impactos sociais: organizam o luto, reconstituem laços e reinscrevem a pessoa falecida no tecido simbólico da comunidade. Souza e Souza (2019) destacam a processualidade e a materialidade do cuidado.

A devoção nos cuidados com o cadáver e os critérios muitas vezes longos e minuciosos seguidos em rituais fúnebres revelam a inquietação que a morte provoca e a tentativa de encontrar um lugar em nossas vidas para algo que ainda se encontra além de uma explicação (Souza; Souza, 2019, p. 6).

Útil à estrutura do homem é a ideia de que os ritos operam passagens e reagregações coletivas, algo que respalda a progressão dramática “tocar”, “vestir”, “dar voz” e a centralidade da dimensão comunitária nas cenas de praça, pátio e capela (Rente; Merhy, 2019).

O debate acerca de como os mortos “trabalham” entre os vivos através de suportes materiais, como terços, altares e flores, e práticas devocionais surge atualizada em discussões acerca da ancestralidade e cuidado. Para Sampaio (2023, p.2), “a morte não se encaixa apenas em uma extinção de uma vida, mas da possibilidade de se construir epistemologias e remontar uma ancestralidade que outrora foi interrompida”.

No que se refere à aplicação ao roteiro, a estrutura em três blocos (Japão, Indonésia e Bolívia) reflete essa processualidade e valoriza a dimensão



pedagógica do rito. Júlia não explica, ela aprende junto. Os objetos retornam como pontos de costura e o clímax final evita o sensacionalismo para sustentar a função regenerativa do luto compartilhado. Lucena *et al.* (2024) salienta que, embora o luto seja uma vivência natural, é importante reconhecer que a ruptura do vínculo — expressa por um desejo persistente e abrangente pela pessoa falecida, pela perda de sentido e pela alteração do próprio eu — pode aparecer de forma tardia ou prolongar-se por mais de um ano após a morte, tornando-se fonte de intensa angústia e até de incapacidade.

5.2 Estudos regionais: enquadramentos culturais específicos

No Japão, interessa-nos articular cotidiano e cerimônia, enfatizando etiqueta/forma como ética pública e tratando práticas como o *kotsuage* por metonímia (mãos/sons/objetos) e consulta local — preservando o caráter de cuidado.

Em Tana Toraja (Indonésia), a leitura do *ma'nene'* — exumação e cuidado periódico com ancestrais — opera como manutenção do vínculo e atualização de status familiar; nossa encenação privilegia processos de restauro, vestimenta e circulação dos corpos de modo não gráfico, mantendo foco na comunidade e nos gestos.

Em La Paz (Bolívia), a festa das *Ñatitas* é entendida como proteção comunitária e troca de favores/bençãos; por isso, a encenação é festiva (voz, música, dança), evitando exposição gráfica e reforçando a presença ativa dos mortos no cotidiano.

Os três blocos não funcionam como “vitrines culturais”, mas como modos de cuidado distintos que reorganizam a percepção de Júlia. A dramaturgia privilegia gestos (tocar, vestir, dar voz) como operadores narrativos e evita colapsar diferenças sob categorias universalizantes.



5.3 Ética, decolonialidade e representação

Para não haver exotização, o trabalho se orienta por debates sobre representação do outro e acordos éticos em documentário, adotando consentimento livre, prévio e informado e devolutivas às comunidades envolvidas. Reconhece-se que toda imagem é construída; logo, a posição responsável é assumir a construção, negociar limites e ser transparente com o espectador (De Paula, 2016).

Cabe salientar que o dispositivo (câmera discreta, metonímia visual, cartelas informativas quando houver reconstituição) é oriundo desses marcos. Júlia atua como observadora-participante e os enquadramentos preservam o rito em seu contexto relacional.

5.4 Linguagem sensorial: som, silêncio e tempo

A opção por um cinema do gesto e da duração dialoga com autores que valorizam a imersão sensorial e a construção de espaço afetivo pelo som. Segundo Flores (2015, p. 237), “a profundidade sonora é uma dimensão que está intimamente ligada à dimensão espacial, pois é um critério de perspectiva. No caso do filme com som monofônico, a dimensão da profundidade é facilmente simulada”. O desenho sonoro trabalha ruído, ambiente, voz e o silêncio como evento para deslocar o foco da explicação verbal ao fazer sentir, a montagem organiza rimas sensórias (pinças, tecido, vela) e trajetórias respiratórias.

A progressão do silêncio denso à ambiente leve no epílogo acompanha a transformação de Júlia (do evitamento à presença).

5.5 Adaptação e intertextualidade

Inspirado em *Para toda a eternidade*, o roteiro se baseia na ideia de adaptação como diálogo e tradução intersemiótica (Patrício; Andrade, 2022). Ao invés de ilustrar capítulos (Japão, Indonésia, Bolívia), o filme transfere núcleos éticos (humor respeitoso, cuidado, presença) e situações rituais para uma dramaturgia própria de jornada interior (do luto à presença).



A adaptação é tanto processo como produto, dessa forma, precisa-se observar a adaptação como uma obra independentemente daquela que lhe deu origem. Além disso, entender a adaptação como também um produto nos leva por um caminho menos perigoso que é o de julgar uma adaptação simplesmente pela sua fidelidade ao material primário, nesse caso particular, o livro (Patrício; Andrade, 2022, p. 151).

O humor discreto e a postura não moralista informam mentores como Kenji e Paul, a sensibilidade para cotidianos ritualizados orienta a encenação sem exposição gráfica. A condição de adaptação é explicitada em créditos e materiais pedagógicos.

5.6 Docuficção, performance e verdade social

A estratégia de docuficção reconhece a performatividade no documentário contemporâneo: verdade é verdade social construída em relação (Souto, 2020). Isso legitima reconstituições simbólicas quando protocolos vedarem o registro direto, desde que a obra seja transparente e mantenha o contexto.

No que se refere ao roteiro, cartelas discretas informam reencenações/sets semelhantes. A performance de Júlia (escuta, respiração, gesto) substitui narradores intrusivos.

Referências

DE PAULA, Gabrielle. A representação cultural do outro no estilo documentário. **Anagrama**, v.10, n.2, 2016. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anagrama/article/view/118047> Acesso em: 29 out. 2025.

FLÔRES, Virginia Osorio. Identidade e alteridade no cinema: espaços significantes e sonoridades. **Significação**, v.42, n.43, 2015. Disponível em: <https://revistas.usp.br/significacao/article/view/103048/106906> Acesso em: 29 out. 2025.

LUCENA, Pabro Leonid Carneiro; MELO, Adriana Marques Pereira e; BATISTA, Patricia Serpa de; AGRA, Glenda; LORDÃO, Alana Vieira; COSTA, Solange Fátima Geraldo da. Cuidados no final de



vida e luto: estudo com familiares de vítimas de COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v.29, n.7, 2024. Disponível em: <https://www.scielosp.org/pdf/csc/2024.v29n7/e02602024/pt> Acesso em: 29 out. 2025.

PATRÍCIO, Francisco Heitor Pimenta; ANDRADE, Ana Carolina Negrão Berlini de. Cinematização, transcrição e adaptação: aspectos intersemióticos. **Linha d'Água**, v.35, n.2, 2022. Disponível em: <https://revistas.usp.br/linhadagua/article/view/191965> Acesso em: 29 out. 2025.

RENTÉ, Maria Angelica de Melo; MERHY, Emerson Elias. Luto e não-violência em tempos de pandemia: a importância da vivência coletiva. **Psicologia & Sociedade**, v.32, e020015, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/bL9QtLxWKVL8VysmnnWNNMk/?format=html&lang=pt> Acesso em: 29 out. 2025.

SAMPAIO, Yasmin Estrela. Os ritos mortuários no Candomblé e a (re)construção da ancestralidade negra no contexto necropolítico. **Mediações**, v.28, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mediacoes/a/R4Z8FHktyB6JtBkZdXSVxRd/?format=html&lang=pt> Acesso em: 29 out. 2025.

SOUTO, Mariana. Relações de classe em documentários brasileiros contemporâneos. **Significação: Revista de Cultura Audiovisual**, v.47, n.52, 2020. Disponível em: <https://revistas.usp.br/significacao/article/view/160860> Acesso em: 29 out. 2025.

SOUZA, Christiane Pantoja de; SOUZA, Airle Miranda. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.35, e35412, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/McMhwzWgJZ4bnqpRJL4J8xg/?format=html&lang=pt> Acesso em: 29 out. 2025.



“Além do véu”

Um roteiro de Bruna Caliman

Copyright 2025 by Bruna Caliman
Todos os direitos reservados brunacaliman13@gmail.com



CAPÍTULO 1: BELO HORIZONTE – A ALMA DA CIDADE

1 – INT. – QUARTO DO HOSPITAL – NOITE

Numa cama de hospital, com lençóis brancos impecáveis. Revela-se uma silhueta de alguém deitado; o rosto permanece FORA DE QUADRO.

O ambiente é de calma quase tangível, preenchido pelo som abafado dos monitores – BIP... BIP... BIP – e pelo sopro contínuo do ar-condicionado. O quarto é iluminado apenas pela luz azulada dos equipamentos e por uma faixa de sol que atravessa a janela.

A porta desliza com um click.

A TIA MARIA entra cautelosa, fechando com cuidado a porta, como se não quisesse acordar alguém. Em suas mãos ela carrega um BUQUÊ de LÍRIOS BRANCOS, ela anda até a cama de cabeça baixa e coloca-os na mesa ao lado da cama de hospital.

TIA MARIA

Oi, meu amor... Trouxe umas flores
para você! Estamos com saudades,
quando você irá acordar?

Ela arrasta uma cadeira até a beirada da cama. Se senta, suas mãos estão inquietas: tira o casaco do braço, coloca na cadeira, se ajeita. Ela se aproxima e segura a mão da paciente com carinho e firmeza.

Um MÉDICO entra com uma prancheta na mão, seu andar é tenso e cauteloso. TIA MARIA se levanta rapidamente, na esperança de ter boas notícias.



MÉDICO

(voz baixa, profissional)

Dona Maria... imaginei que estaria
aqui.

TIA MARIA apenas assente com a cabeça.

MÉDICO

Eu queria... eu preciso...

(Respira fundo)

Preciso te dizer sobre o estado
dela.

O BIP do monitor continua de forma rítmica.

MÉDICO

A sedação mantém o corpo estável,
mas...

O cérebro não tem mostrado sinais de
recuperação.

TIA MARIA aperta a mão com força. Seus olhos se enchem de lágrimas, um soluço escapa.

MÉDICO

Fizemos o possível..., mas, há uma
possibilidade muito alta de que...

(engole seco) ela não acorde mais.

TIA MARIA cambaleia e se apoia na cadeira. Sua respiração começa ficar ofegante, lágrimas suaves escorrem pelo seu rosto, ela fecha os olhos com força enquanto enxuga suas com mãos tremulas secam suas lágrimas.

O BIP do monitor acelera - uma pequena, mas súbita mudança.

O MÉDICO olha para o monitor, inquieto.



MÉDICO

Nós estamos acompanhando tudo de perto, mas... (tenta suavizar)
Ela pode não sobreviver às próximas horas.

Na mesma fração de segundo ouve-se o BIP final, e o monitor mostra uma linha contínua. TIA MARIA leva a mão à boca, tentando abafar um grito. Seu desespero cresce, já não consegue conter mais as lágrimas.

O MÉDICO pressiona o botão chamando as enfermeiras. ENFERMEIRAS entram no quarto com equipamentos médicos para fazer uma ressuscitação.

TIA MARIA está imóvel, a câmera se afasta lentamente através da janela, o quarto vai se dissolvendo na claridade, se sobrepondo a prédios, telhados, janelas.

O LETREIRO surge suave, quase respirando:

2 MESES ANTES.

BELO HORIZONTE.

2 - EXT - BELO HORIZONTE - DIA

A cidade repousa sob o céu matinal, como se marcasse o ritmo tranquilo da vida contínua.

Belo Horizonte emerge como joia entre as montanhas; ruas começam a se agitar, ônibus entram em operação, portas de lojas sobem.

A luz suave banha a avenida. Edifícios modernistas exibem linhas geométricas e formas elegantes; memória de tempos preservada nas fachadas.



O ritmo acelera: semáforos alternam cores; ônibus deslizam; ciclistas passam em zunido; passantes atravessam a faixa.

Uma vendedora ambulante abre um guarda-sol; o vento balança folhas de tipuanas; um artista de rua testa um acorde no violão. Ao longe, o prédio do escritório de Júlia se destaca, integrado ao cenário urbano.

Um pombo ergue voo. O vento passa por baixo do vão do viaduto.

3 - INT. ESCRITÓRIO DE JÚLIA - DIA

Espaço de pesquisa: estantes abarrotadas, livros de antropologia/cultura/psicologia.

Mapas do mundo nas paredes com alfinetes coloridos.

Mesa central tomada por artigos, anotações, cadernos. Uma xícara de chá esquecida ainda solta fumaça.

Caos organizado à maneira de Júlia.

JÚLIA (32), óculos, concentrada ao computador. A luz da tela recorta seu rosto cansado e determinado.

No canto do teclado, um TERÇO antigo – que ela toca sem perceber.

A porta range. LUCAS, 30 e poucos, entra com uma pasta.

LUCAS

(Entrando com cautela)

Está tarde, Júlia. Você precisa descansar um pouco.

JÚLIA

(sem tirar os olhos da tela)

Ainda tenho muito para fazer, Lucas.
Estou tentando organizar a parte



teórica da minha pesquisa antes da viagem.

LUCAS

(abrindo a pasta)

Já pensou que você poderia ser menos perfeccionista? Vamos lá, me explica de novo o objetivo disso tudo. Talvez eu consiga ajudar.

Júlia solta um suspiro longo, ajusta a postura e se inclina para a frente, como se estivesse prestes a dar uma aula. Seu tom de voz é focado, mas também demonstra a paixão que sente pelo que faz.

JÚLIA

Meu objetivo principal com essa pesquisa é analisar detalhadamente a definição e a importância dos rituais funerários em várias culturas. Não se trata apenas de documentar os rituais em si, mas de compreender todas as nuances, os significados profundos que eles carregam e como impactam a sociedade. A morte é uma das experiências mais universais e, ao mesmo tempo, uma das mais diversas em termos de como a vivenciamos.

LUCAS

(satisfeito)

Certo, mas como você conecta isso ao luto? Quero dizer, além da cerimônia.



JÚLIA

O luto é a parte mais interessante. Não é só uma resposta emocional imediata à perda, mas um processo. Quero investigar minuciosamente as fases do luto e como ele se manifesta em diferentes culturas. Algumas sociedades têm tradições profundamente estruturadas para guiar as pessoas no luto, enquanto outras são mais informais. E o mais fascinante é a relação entre o luto e o autoconhecimento.

Lucas se senta, atento. Júlia se gesticula com as mãos animada.

JÚLIA

Imagine o luto como um espelho. Ele força as pessoas a confrontarem suas próprias emoções, a fragilidade da vida. O que quero mostrar é que o luto pode ser transformador. Ele proporciona uma oportunidade para a pessoa aprender sobre si mesma, reavaliar valores, e até mesmo encontrar um novo propósito. É uma experiência dolorosa, mas também de crescimento.

Lucas cruza os braços, impressionado.

LUCAS

Então, você está dizendo que o luto, em todas as suas formas, pode ser uma espécie de jornada interna?



JÚLIA

Exatamente. Mas eu também quero examinar como os rituais funerários moldam essa jornada. Em algumas culturas, o ritual serve para fechar o ciclo, como uma porta que se fecha atrás de quem ficou. Em outras, é um caminho aberto para continuar honrando a memória da pessoa falecida, como se o ritual mantivesse uma conexão viva. É por isso que também estou analisando o impacto social e psicológico desses rituais.

Júlia pega um LIVRO, folheia rápido.

JÚLIA

Além disso, o impacto desses rituais na saúde mental das pessoas é outro ponto importante. Muitas vezes, a ausência de rituais ou o desrespeito às tradições pode agravar o sofrimento, enquanto, em outras ocasiões, esses rituais podem oferecer conforto, sentido e um ponto de partida para a cura.

Lucas sorri, admirado.

LUCAS

Faz sentido. Mas como você está conectando isso com a prática? Não é só teoria, certo?



Julia balança a cabeça, já prevendo a pergunta.

JÚLIA

Não. Eu quero ir além da teoria. Vou combinar minha pesquisa empírica com entrevistas, observações diretas de rituais em diferentes culturas e até participar de algumas cerimônias. Eu pretendo visitar três lugares chaves, que são bem diferentes entre si. O primeiro seria a Bolívia, depois Japão e, por fim, a Indonésia, mas não sei, acho que não seria nessa ordem. Estou me programando.

Ela se recosta na cadeira, massageando a testa.

LUCAS

(sorrindo)

Entendi. Mas por que esses lugares?

Júlia sorri de volta, com um ar de cansaço, mas determinada.

JÚLIA

Tenho grandes amigos nesses locais que nos conhecemos aqui no Brasil. Quando fizemos nosso doutorado de antropologia juntos.

Lucas se levanta, deixando a PASTA em cima da mesa.



LUCAS

Você vai conseguir. Só não esqueça
de descansar de vez em quando, hein?

Ele SAI.

Silêncio breve. JÚLIA encara o TERÇO da avó ao lado do teclado.

Ela solta um suspiro, pega um lápis e volta ao trabalho.

Na tela: título do artigo – “RITUAIS FUNERÁRIOS E O LUTO: UM CAMINHO PARA O AUTOCONHECIMENTO”.

A luz do abajur derrama amarelo sobre as páginas.

CLOSE em ANOTAÇÕES: “pertencimento”, “memória”, “rito e cura”.

SOM de PÁGINAS viradas; ao fundo, o RUMOR URBANO.

4 – INT. ESCRITÓRIO DA JÚLIA – NOITE

Luz baixa. O RELÓGIO marca tarde da noite (TIC-TAC).

JÚLIA à mesa; livros abertos, post it, abas de pesquisa.

O CELULAR vibra sobre o teclado. Ela atende.

JÚLIA

Oi, Kenji! Achei que tinha se
esquecido de mim!

KENJI (V.O)

Esquecer de você? Jamais! Mas sério,
quando é que você vai aparecer aqui
no Japão? Essa pesquisa não vai
acontecer sozinha, sabe?

JÚLIA

(rindo)



Quem dera fosse tão fácil! Ainda tenho muita coisa para organizar antes de atravessar o mundo desse jeito.

KENJI (V.O)

Sempre uma desculpa... na teoria é fácil, mas você sabe que nada substitui a experiência. Só estando aqui para entender.

JÚLIA

Eu sei Kenji. Mas você me conhece... quero estar preparada. Não quero chegar aí e dar uma gafe logo de cara.

KENJI (V.O)

Tá bom, tá bom..., mas vai me dizer que não é só medo de encarar o que vai descobrir?

JÚLIA

(fugindo do assunto)

Ah, tá bom, Sr. Corajoso. Tenho que terminar umas coisas aqui..., mas um dia eu vou, prometo.

KENJI (V.O)

Vou ficar esperando, então! Boa sorte com as leituras, medrosa.

JÚLIA

(rindo)

Cuidado, um dia eu apareço aí! Até mais.

Ela desliga.



O abajur projeta halo amarelo sobre o TERÇO da avó no teclado.

Ela gira o TERÇO entre os dedos e encara o CRUCIFIXO.

Na TELA: "RITO ≠ CERIMÔNIA – práticas de continuidade". Cursor piscando.

Ela fecha os olhos; o RUÍDO URBANO se transforma em murmúrio constante.

5 – INT. QUARTO DE JULIA – DIA

Luz fria da manhã entra pela janela.

Mesa pequena com caderno aberto; Colagem com fotos antigas; decorações de viagem (mapa, passaporte, postais).

JÚLIA, de pijama, sentada na beira da cama.

Na página: rabiscos sobre RITUAIS FUNERÁRIOS; lista de culturas.

No topo, sublinhado: "KOTSUAGE".

Ela passa o dedo sob a palavra, como quem confirma um destino.

JULIA

(voz suave, reflexiva)

A morte sempre pareceu algo distante
e perto ao mesmo tempo... Um
sussurro, uma sombra. Agora, ela
está em tudo. No ar que respiro, nas
palavras que escrevo.

O CELULAR acende – mensagem de LUCAS: "Enviei a bibliografia extra"

Ela ignora por ora; volta ao caderno.

No mural, ela pega o bilhete e diz em voz alta:



JULIA

“Não esquecer: entrevistar MATEUS
em La Paz”

JÚLIA coloca o bilhete no caderno e fecha. abre uma gaveta: uma caixinha com recortes do funeral da avó. JÚLIA se encosta na cadeira quase se deitando, e então observa as fotos. FOTOS: mãos dadas, velas, um lenço. Ela hesita; devolve as fotos. JULIA passa levemente sua mão pela foto:

JULIA

Sinto tanto sua falta vó. Eu não devia ter feito aquilo no seu funeral. Me arrependo tanto.

Seus olhos enchem de lágrimas. JULIA as secas suavemente enquanto aproxima a foto ao seu peito.

A chaleira apita na cozinha. Ela se levanta, guarda a foto novamente na caixa e vá até a cozinha. JULIA retorna com uma XÍCARA de café, e encara o mapa, olhando fixamente para o JAPÃO, ao lado um bilhete escrito “KOTSUAGE”. JULIA toca na palavra - “KOTSUAGE” - tomando a decisão em seu próximo destino.

CLOSE na palavra: sublinhado duplo, decidido.

6 - INT. - SALA DE ESTAR - DIA

JÚLIA caminha até a sala de estar.

Ambiente acolhedor: tons suaves, móveis simples, luz natural recortando o piso.

O RELÓGIO na parede marca 09:30 (TIC-TAC).



Prateleira com lembranças de viagem: pequenas esculturas, fotos emolduradas, objetos com memória.

Uma foto prende o olhar – JÚLIA e amigos diante do Cristo Redentor.

Ela segura a moldura com carinho; um toque de nostalgia.

JÚLIA

(para si, pensativa)

Talvez Kenji tenha razão... Estou presa demais nos livros. Meu trabalho anda tão distante, tão teórico... como se faltasse uma conexão pessoal. Acho que está na hora de enfrentar essas viagens, não posso adiar mais.

Ela solta um suspiro.

O CELULAR vibra na mesa lateral. Notificação na tela.

Mensagem de KENJI: "Quando você vem pro Japão?"

JÚLIA permanece imóvel por um instante – dúvida e expectativa.

Ela digita devagar no CELULAR:

Super na tela: "Acho que você está certo... Está na hora de experimentar na prática"

Resposta imediata de KENJI: "Quando pretende vir?"

JÚLIA morde o lábio, hesita; então digita:

Super: "Daqui a dois meses?"

Os três pontinhos de digitação aparecem; breve suspense.

Mensagem de KENJI: "Perfeito. Vou providenciar uma reserva num hotel conhecido"

JÚLIA lê e esboça um sorriso contido.

Ela coloca a foto do Cristo de volta na prateleira; passa o dedo sobre o vidro como quem sela um pacto íntimo.



JÚLIA pega um bloco e começa a planejar – “Passaporte, vacinas, contatos: MATEUS (La Paz), KENJI (Tóquio), PAUL (Tana Toraja)” – Ela abre o NOTEBOOK: aba “Passagens” – outra “Hospedagens” – outra “Bibliografia”.

O RELÓGIO avança de 09:30 para 10:10. O tempo parece ganhar corpo.

A luz muda sutilmente.

CLOSE no TERÇO sobre a mesa; a mão de JÚLIA encosta nele, firme.

**7 - INT. COZINHA DA CASA DE JÚLIA / SALA DA CASA DE TIA MARIA
- NOITE**

A cozinha de JÚLIA: luz suave, azulejos claros, bancada organizada.

Louça do jantar no escorredor; água corre na pia.

Penduradas na parede: fotos de viagens – às vezes com amigos, às vezes sozinha, sempre longe.

JÚLIA enxágua a última caneca. O CELULAR vibra ao lado da pia.

Na TELA: “TIA MARIA”. JÚLIA seca as mãos, atende.

INTERCALA COM – SALA DE TIA MARIA

Sala aconchegante. TIA MARIA numa poltrona, um COPO de água gelado nas mãos.

Ela encara o quintal pela janela; uma brisa balança as flores.

O CELULAR em viva-voz repousa sobre a mesa lateral.

JÚLIA (V.O)

Oi, Tia. A que devo esta preciosa ligação?



TIA MARIA

Você e suas palavras bonitas! Eu quero saber sobre sua decisão da viagem... já está tudo pronto para a sua aventura no Japão? Vai começar por esse país mesmo?

INTERCALA COM A COZINHA DE JÚLIA

JÚLIA termina de enxaguar e coloca a caneca no escorredor. O RELÓGIO DIGITAL sobre a geladeira marca 21:12.

JÚLIA

(meio distraída)

Quase, tia. Confesso que Kenji me incentivou a ir nele primeiro, mas só de pensar em tudo o que preciso planejar, fico ansiosa. É uma viagem longa, dá um certo frio na barriga. E se eu me perder? Ou não der certo os rituais? E se as coisas saírem do controle?

TIA MARIA ri baixo; o olhar repousa numa foto de JÚLIA sobre a mesa.

TIA MARIA

Te acalme, menina. Você dá conta, às vezes, você precisa soltar um pouco as rédeas e confiar mais. Siga o fluxo e veja onde ele te leva. Não precisa se preocupar. E se nada der certo, você sempre pode voltar para casa, estarei te esperando aqui, de braços abertos!



VOLTA PARA – COZINHA DE JÚLIA

JÚLIA sorri enquanto seca a caneca com um pano de prato.

JÚLIA

Você sempre sabe dizer as palavras certas para mim. Vou sentir sua falta nesse período. Prometo trazer lembrancinhas para você.

INTERCALA COM A SALA DE TIA MARIA

TIA MARIA toma um gole de água, pensativa. O relógio de parede marca 21:13 (TIC-TAC).

TIA MARIA

Conheço minha sobrinha favorita. Eu vou cobrar essas lembrancinhas. Mas Júlia, você sempre teve esse desejo de ver outras culturas..., mas, às vezes, parece que está fugindo de olhar para o que tem dentro de você.

VOLTA PARA – COZINHA DE JÚLIA

JÚLIA para; as mãos ficam imóveis sobre o pano. A água escorre da louça.

JÚLIA

Eu jamais fujo de uma situação difícil, isso não tem nada a ver comigo. É estreitamente profissional tá? Profissional! Você sabe o quero dizer, eu não vou sair de férias, vou a trabalho.

INTERCALA COM – SALA DE TIA MARIA



TIA MARIA observa o jardim; luz do poste recorta as plantas.
SORRISO de canto.

TIA MARIA

Sei... Claro, seu trabalho em primeiro lugar. Mas sabe Júlia, às vezes, conhecer o que temos dentro de nós é tão importante quanto explorar o que está lá fora. Se permita experenciar os rituais e sentir. Uma experiência pessoal, vale mais que uma experiência vivida por outra pessoa. Garanto que vai enriquecer sua "pesquisa".

VOLTA PARA – COZINHA DE JÚLIA

JÚLIA encosta na bancada; respira fundo. Olha para uma foto da avó presa na geladeira por um imã.

JÚLIA

(pensativa)

Quem sabe essa viagem seja mais do que eu imaginei..., mas vou tentar tia.

INTERCALA COM – SALA DE TIA MARIA

TIA MARIA apoia o copo de água na mesa.

TIA MARIA

Se cuida, minha querida. E lembra de trazer uma lembrancinha para essa tia velha aqui, tá?

VOLTA PARA – COZINHA DE JÚLIA



JÚLIA ri; fecha a torneira. Pega o CELULAR, caminha até a janela.

JÚLIA

(rindo)

Pode deixar, tia. Vou trazer algo especial para você.

FIM DA CHAMADA.

JÚLIA fica um momento em silêncio; olhar perdido pela rua tranquila.

No outro ambiente, o celular repousa no braço da poltrona enquanto TIA MARIA volta a encarar o jardim – reflexiva, serena.

TIA MARIA

Espero que você encontre o que procure Júlia.

VOLTA PARA – COZINHA DE JÚLIA

CLOSE no TERÇO de JÚLIA pendurado num gancho. Ela roça nele ao apagar a luz.

8 – EXT. ESTRADA – NOITE

Asfalta úmido, negro, um corredor infinito marcado apenas pelo traço branco que treme sob os faróis. A escuridão parece tomar conta da estrada.

O carro de Júlia avança pela noite, quase engolido pela névoa que sobe do asfalto.



Dentro do carro, o relógio digital pisca uma contagem que não cessa; números saltam sem pausa, cada um parecendo uma pequena ameaça ao tempo.

JÚLIA alterna o olhar entre a estrada e o painel – o tempo para o voo encurta.

Ela acelera um pouco. Mãos firmes no volante.

A estrada parece estreitar, a noite enrola-se ao redor, e a névoa sobre do asfalto para quase tocar o para-brisa.

Ao longe, uma luz surge. Pequena. A luz cresce, parece aproximar-se. Rápida. Incontrolável.

A luz explode em facetas, se espalha, um clarão que não pode ser refreado. Ela ergue a mão para proteger o rosto – mas é tarde demais.

FREIOS agudos. Um GRITO abafado.

Impacto seco. VIDRO estala.

Airbag dispara com um estalo surdo. O cinto segura, parece prendê-la à própria respiração.

SILÊNCIO absoluto – o tempo parece parar.

Um eco de respiração. Depois, nada.

9 - INT. AVIÃO - DIA

JÚLIA desperta num sobressalto. Respiração rápida; a mão vai ao peito.

Cabine de passageiros: alguns leem, outros dormem.

JÚLIA pisca, tentando entender a transição.

Pela janela: céu e nuvens – nada além.

JÚLIA encosta a nuca no encosto; fecha os olhos por um segundo.

O cinto de segurança está afivelado;



Uma comissária se aproxima pelo corredor, olhar atento.

COMISSÁRIA

Está tudo bem? Fique tranquila, é
apenas uma turbulência do avião.
Logo estabilizaremos e pousamos.

JÚLIA acena com a cabeça. A fala não vem.

Ela inspira fundo; tenta calibrar o ritmo da respiração.

Ela mira a asa do avião pela janela. Os riscos de luz deslizam.

No bolso da poltrona: folheto de segurança; na capa,
pictogramas de emergência.

JÚLIA passa o dedo sobre as figuras, distraída – a mente ainda
no branco do farol.

Anúncio no PA (O.S.): “Tripulação, preparar cabine para pouso
em breve”

Ela fecha os olhos um instante.

O coração desacelera. Ela assente, como se aceitasse o mistério
do que foi real e do que foi sonho.

A COMISSÁRIA segue adiante. O ronco dos motores permanece –
constante, hipnótico.

CAPÍTULO 2 – VIAGEM DO AUTOCONHECIMENTO

10 – INT.- AEROPORTO – DIA

Portão de desembarque. O fluxo de passageiros avança em fila.

JÚLIA surge entre eles, exausta e alerta. Uma MALA DE RODINHAS
numa mão e uma MOCHILA no ombro.



O som do aeroporto: anúncios em japonês/inglês, rodas no piso, murmurios contidos.

Ela pisca contra a luz branca do saguão. Olha ao redor – tenta achar a saída.

JULIA

(sussurrando para si mesma)
Japão... agora não tem como escapar
do destino.

Ela tateia a mochila em busca do celular – nada. Para, suspira; cabeça para trás.

As portas automáticas abrem/fecham. A sinalização brilha: “arrivals / 出口”.

No meio do saguão, uma figura acena energicamente.

KENJI

(agitando as mãos)
Julia! Ei! Aqui!

Ela encontra o olhar de KENJI e abre um sorriso de alívio.

Segue na direção dele – tropeça levemente numa mala estacionada; recompõe a pose, rindo de si mesma.

JULIA

(com um suspiro aliviado)
Kenji! Finalmente alguém conhecido!

Eles se abraçam rapidamente. KENJI se afasta para encará-la de cima a baixo.

KENJI
(rindo)



Você parece que foi atropelada por um trem bala! Quer café? Tá com cara de quem precisa de uma garrafa inteira.

JULIA

Por favor, café seria um presente dos deuses agora.

Eles caminham lado a lado. KENJI puxa a mala de JÚLIA com naturalidade.

Ele aponta a sinalização, gesticula animado.

KENJI

Bem-vinda ao Japão, Julia! Prepare-se para se apaixonar por isso aqui. E, claro, prepare-se para se perder umas mil vezes também. Nada é fácil de encontrar, mas, ei, faz parte da experiência!

JÚLIA absorve o caos organizado: vozes, placas em kanji/kana e inglês, design ultramoderno com toques tradicionais.

JULIA

(sorrindo, meio atordoada)

Eu ainda estou me acostumando com tudo... Parece que estou em um filme.

KENJI

Ah, essa sensação passa. Ou não. Na verdade, talvez você nunca se acostume completamente, mas essa é a graça.

(Ele dá um sorriso largo.)



Deixa-me te apresentar ao básico.
Primeiro, as regras não escritas do
metrô: silêncio. Não importa o quão
cheia esteja a estação, ninguém fala
alto. É quase zen.

JULIA
(caçoando)
Eu? Silêncio? Boa sorte com isso.

KENJI
Vai ser uma missão interessante! Mas
sério, é meio mágico. E aqui tudo é
incrivelmente pontual. Se o trem
disser que vai chegar às 10:03, ele
chega às 10:03, nem um minuto a mais.
Nada de brasileiros se atrasando por
aqui.

JULIA
(rindo)
Okay, isso vai ser um choque
cultural.

Eles chegam a um café do aeroporto. KENJI faz o pedido no
balcão.

Enquanto aguardam, KENJI tira um pequeno OMAMORI do bolso e
entrega a JÚLIA.

KENJI
Ah, antes que eu me esqueça, isso é
para você. Um omamori para sorte em sua
nova jornada. Eu comprei no templo
Shinto perto de casa.

JÚLIA observa o SAQUINHO de tecido bordado com KANJI delicados.



Ela sorri, tocada.

JULIA

Isso é lindo, Kenji. Obrigada! Eu...
acho que vou precisar de toda a sorte
do mundo.

KENJI

Relaxa. Você vai se sair bem. E
falando em tradições, já que está
aqui, que tal começarmos com algo
leve, tipo uma aula de etiqueta
básica? Primeiro, sem sapatos dentro
de casa. Sempre descalço ou com
chinelos.

JULIA

Ah, isso eu já sabia! Cultura pop
não me deixou na mão.

KENJI

Ótimo! Mas tem mais. Quando comer
sushi, mergulhe o peixe no molho de
soja, não o arroz. E se for usar
hashi, nada de deixá-los espetados
na comida. Dá azar.

JÚLIA faz careta, divertida e impressionada.

JULIA

Tá, acho que eu realmente preciso de
uma aula de etiqueta. Quais são as
chances de eu cometer uma gafe
monumental?

KENJI



Ah, 100%, mas isso faz parte. O importante é rir de si mesma. Agora, quando eu te levar para o jantar com a minha família, vou te ensinar a dizer algumas frases básicas em japonês, para você causar uma boa impressão.

JULIA

(aliviada)

Ufa, pensei que ia me deixar à deriva. Como eu digo 'obrigada' mesmo?

KENJI

Arigatou gozaimasu. Você vai usar isso muito. E sorrir. Sorrir sempre funciona!"

JÚLIA repete, exagerando a pronúncia; KENJI ri do esforço.

JULIA

Isso parece viável. 'Arigatou gozaimasu'. Ok, tô pronta para o Japão!

Os copos chegam. Vapor sobe do café.

Eles brindam de leve – primeiro rito em terra japonesa.

KENJI aponta para a máquina de recarga de cartões.

KENJI

Depois do café, pegamos um SUICA/PASMO para você – cartão do metrô. E te mostro os Lockers. Aqui tudo cabe em gavetas.



JÚLIA sorri – o brilho de expectativa finalmente acende por trás do cansaço.

11 – INT. TEMPLO JAPONÊS KOUKOKUJI – DIA

Pórtico em madeira, lanternas de pedra, caminhos de cascalho. Pessoas com vestes formais caminham em silêncio. JÚLIA, mais casual, acompanha KENJI. Ela olha ao redor com curiosidade e um toque de desconforto. Uma música tradicional muito suave permeia o ar.

JÚLIA

(sussurrando para si mesma, em tom de comédia)

Se eu soubesse que ia ser tão formal, teria pelo menos passado uma roupa... Que vergonha.

Uma risada abafada escapa; o som se perde na seriedade do ambiente. Ela logo se silencia.

KENJI indica uma fonte para purificação (temizuya).

Ele demonstra: pega a concha, lava mãos, leva um gole à boca e descarta.

JÚLIA imita com cuidado, atenta aos gestos.

Eles avançam pelo pátio, cruzando sob estruturas de madeira; O sol filtra-se pelas copas, criando manchas de luz sobre o chão.

12 – INT. TEMPLO JAPONÊS – CERIMÔNIA KOTSUAGE – DIA

A sala é clara, minimalista. Flores brancas. Incenso aceso.



Familiares da falecida em silêncio – rostos serenos, olhos marejados.

Sobre uma bandeja, OSSOS dispostos. Uma URNA aguarda ao lado.

Com PINÇAS longas (HASHI CERIMONIAIS), dois familiares pegam o MESMO OSSO em conjunto e o transferem para a URNA – gesto coordenado, preciso.

O ar é de reverência absoluta; cada movimento parece medido no tempo.

JÚLIA observa, um tanto deslocada, absorvendo a delicadeza ritual.

Sua expressão suaviza; o corpo relaxa.

JÚLIA

(baixinho, para si mesma)

Eu não devia ter subestimado isso...

É sobre respeito, é sobre família.

Uma MULHER IDOSA ergue o olhar e sorri de leve para JÚLIA.

JÚLIA retribui; nos olhos, um lampejo de culpa e compreensão.

SOM ao fundo: murmúrio de sutras; o vento mexe discretamente uma cortina de papel.

O ritmo dos gestos a puxa para dimensões mais íntimas.

13 - INT. CASA DE FUNERAIS - (FLASHBACK) - DIA

SÉRIE DE PLANOS:

JÚLIA, anos mais jovem, em pé junto ao caixão de sua avó; velas acesas; flores.

Rostos solenes de familiares; mãos dadas; um TERÇO entre dedos trêmulos.



O olhar de JÚLIA se concentra em sua avó, impaciente; respiração contida.

Ela busca a porta com o olhar. O murmúrio das orações pesa.

JÚLIA dá dois passos para trás – hesita. Aos poucos ela se aproxima da porta dos fundos, um feixe de luz.

Ela sai discretamente, encostando a porta com cuidado.

Do lado de fora, a rua está silenciosa.

Ela sacode o ar como quem tenta expulsar a dor.

Fica um segundo imóvel, ouvindo o som abafado da cerimônia – depois se afasta.

14 - DE VOLTA AO PRESENTE – INT. TEMPLO JAPONÊS- DIA

O rosto de JÚLIA carrega a mistura de emoções. O arrependimento pulsa.

Ela encara a urna e os gestos atentos dos familiares. Inspira fundo.

JÚLIA

(sussurrando para si mesma)

Eu sinto muito vó. Não devia ter
fugido do seu enterro.

A câmera repousa sobre os HASHI CERIMONIAIS em movimento – a coreografia da despedida.

15 - INT. TEMPLO JAPONÊS - CERIMÔNIA KOTSUAGE - DIA

JÚLIA permanece em pé.

KENJI aproxima-se em passos leves, respeitando o silêncio do ritual.



KENJI

(sussurrando, gentilmente)

Você está bem, Julia?

JULIA

(suspirando)

Não sei... É só que... Me sinto um
pouco envergonhada.

KENJI encoraja com o olhar; um aceno de cabeça para que ela
continue.

JULIA

(baixando a voz)

Quando minha avó faleceu, eu não
consegui ficar. Fugi do funeral...
Como se ignorar tudo fosse me fazer
sofrer menos. Agora vejo como isso
aqui é... como é necessário. Eles
estão cuidando dela com tanto
carinho... e eu...

KENJI

(sussurra, compreensivo)

Às vezes, a dor é tão grande que a
gente foge sem perceber. Mas o
importante é que agora você sinta.
Esses rituais são uma forma de
conexão, de dizer adeus com o
coração aberto.

JULIA

(acenando, emocionada)

Eu vejo isso agora. Talvez,
participar da cerimônia da minha avó
tivesse me dado o fechamento que eu
precisava... Sinto que falhei com
ela.



KENJI

(colocando a mão no ombro de Julia)

É normal sentir arrependimento, mas o respeito que você sente agora... É uma forma de se reconciliar. E o mais bonito desses rituais é que sempre temos outra chance de honrar quem amamos, de alguma maneira.

JÚLIA respira fundo.

Ela volta o olhar para a urna e para os HASHI CERIMONIAIS em movimento.

Atenção plena: os gestos dos familiares são pequenos, precisos, carregados de sentido.

O vento mexe a cortina de papel; um sino ressoa ao longe.

Um aceno discreto de agradecimento para a MULHER IDOSA que antes lhe sorriu.

16 - INT. RESTAURANTE JAPONÊS - NOITE

Espaço tradicional, luz de lanternas, madeira clara.

Os dois se sentam à mesa para dois, próxima a uma divisória de papel.

JÚLIA e KENJI jantam pratos típicos.

JÚLIA mantém a postura recolhida – ainda absorvendo o dia.

KENJI observa com cuidado; um sorriso leve.

KENJI

(sorrindo levemente)



Então... como foi a cerimônia hoje?
Consegui entender o que tanto tento
te mostrar?

JÚLIA apoia os hashi ao lado do prato; suspira.
Olhar sério – e mais leve ao mesmo tempo.

JÚLIA

Foi... intenso. Muito mais do que eu esperava. Ver aquele cuidado, o respeito que todos demonstravam... mudou completamente a forma como vejo a morte. Na verdade, acho que mudou a forma como vejo a vida também.

KENJI faz um gesto afirmativo – incentivo silencioso.

KENJI

E que lições você tirou disso tudo?

JÚLIA

(reflexiva)

Acho que percebi o quanto é importante lembrar daqueles que vieram antes de nós. Não só lembrar, mas manter uma conexão com eles. Sabe, sempre vi a morte como um fim absoluto, mas ali... parecia que eles ainda faziam parte da vida dos familiares, como se estivessem ali de uma forma diferente.

KENJI toma um gole de chá.



KENJI

E acha que isso muda alguma coisa para você? Em relação à sua própria família?

JÚLIA

Sim. Me fez perceber o quanto fui impaciente e, talvez, egoísta. Sempre estive tão focada em explorar o mundo, que fugi de tudo o que me lembra da minha avó, de lidar com a perda dela. Mas aqui, no meio desse ritual, entendi que lembrar dela, cuidar da memória dela, não significa me prender ao passado. É só uma forma de a manter "viva" de alguma forma, sabe?

Kenji sorri, um misto de compreensão e orgulho.

KENJI

É uma lição poderosa. Aqui, acreditamos que os ancestrais nos acompanham, que fazem parte da nossa vida e das nossas escolhas. Acho que, de certa forma, você estava buscando isso, mesmo sem perceber.

JÚLIA

(sorri, um pouco emocionada)

Talvez. Acho que nunca me permiti sentir isso... Essa conexão.

Um momento de silêncio partilhado.

KENJI ergue o copo – gesto de celebração.



KENJI

Que essa experiência fique com você.
E que você nunca se esqueça das
lições que aprendeu aqui. Às novas
perspectivas... e a manter viva a
memória dos nossos!

JÚLIA

(sorrindo, erguendo o copo)
Às novas perspectivas... e aos que
sempre estarão conosco.

Eles brindam.

PLANO DETALHE: os COPOS se tocam com delicadeza.

A câmera acompanha o vapor que sobe do chá e se dissipa.

17 - INT. RESTAURANTE JAPONÊS - DIA

Luz suave da manhã atravessa janelas de papel e banha a mesa.
Pratos delicados: arroz, sopa de missô fumegante, peixe
grelhado, conservas.

JÚLIA mexe os hashi sobre o arroz - distraída.

KENJI percebe o semblante distante; puxa conversa.

KENJI

Ainda pensando na cerimônia de
ontem, né?

JÚLIA

É. Foi tudo tão... cuidadoso. Mas eu
acho que não comprehendi



completamente. Parecia que cada gesto ali tinha um significado que eu não conseguia captar.

KENJI toma um gole de chá; reflete antes de responder.

KENJI

Entendo. Aqui, o preparo do corpo é mais do que só um ritual físico. É uma forma de prestar um último cuidado, como se estivéssemos ajudando o espírito a fazer uma transição. Não é apenas para quem partiu, mas também para quem fica, para ajudar todos a lidar com a perda de forma mais... consciente.

JÚLIA

Então, cada detalhe é pensado para isso?

KENJI

Sim. A forma como o corpo é vestido, a posição das mãos, o incenso... tudo tem um propósito. Cada elemento é feito para trazer paz ao falecido e aos familiares, que encontram uma maneira de se despedir. É um processo coletivo, sabe? Um apoio mútuo.

JÚLIA saboreia um pedaço de peixe, absorvendo as palavras.

JÚLIA



Acho que nunca tinha visto a despedida como algo que envolve todos. No ocidente, parece que a perda é algo mais individual, às vezes até solitário. Ali, era como se todos estivessem em sintonia, cuidando juntos desse momento.

KENJI

Exatamente. Mesmo na partida, acreditamos que a pessoa faz parte de nossa comunidade. O ritual ajuda a integrar essa perda, de não torná-la um fim absoluto, mas uma mudança.

JÚLIA

Nunca pensei assim antes. Sempre vi a morte como algo muito... final. Aqui, parece que é mais sobre manter a pessoa com a gente, mesmo depois.

KENJI concorda, sorrindo.

KENJI

É isso mesmo. Esses rituais são para lembrar que, mesmo depois de partir, a pessoa ainda permanece. A preparação do corpo é uma forma de demonstrar respeito e amor, e para quem fica, é uma maneira de aceitar e seguir em frente sem esquecer.

JÚLIA

Faz todo o sentido agora. Acho que precisava ver isso para entender.



Silêncio confortável.

JÚLIA olha pela janela.

Ela inspira fundo; o corpo relaxa um tom.

KENJI aponta discretamente um altar doméstico exposto no balcão (mini butsudan).

Pequenas oferendas: um doce, uma flor.

JÚLIA registra mentalmente – novo respeito no olhar.

18 – INT. TEMPLO JAPONÊS – RITUAL DE DESPEDIDA – DIA

Lanternas de papel e velas acesas – luz cálida, solene.

Sala com FLORES brancas.

JÚLIA se senta ao lado de KENJI; ao redor, FAMILIARES e AMIGOS do falecido.

Ela observa com fascínio e um leve desconforto – deslocada, curiosa.

MONGES entoam sutras em volume baixo.

Os responsáveis pelo rito manipulam HASHI ceremoniais longos; cada OSSO é transferido com delicadeza para a URNA.

Tecidos discretos cobrem a borda; mãos se inclinam em reverência.

JÚLIA

(pensando)

Esses sacos... eles parecem simples,
mas estão cheios de significado.
Como eu fui tão insensível naquela
época?

Lembrança da AVÓ lateja por trás do olhar.



19 - INT. CASA ANTIGA DA AVÓ - (FLASHBACK) - DIA

JÚLIA (12), está sentada aos pés da AVÓ. A AVÓ segura o livro perto a seu rosto. CLOSE no LIVRO "Para toda a eternidade", depois para o rosto de JÚLIA.

AVÓ

A calmaria era um pacto entre a casa
e quem a habita.

A AVÓ fecha o livro com aspecto cansada. Com olhos sonolentos, querendo se fechar.

JÚLIA

Só mais uma página vovó. Estamos
quase no final do livro.

AVÓ

(Sorri cansada e acena)

Só mais uma página Júlia. Depois
vamos para a cama, vovó precisa
descansar.

AVÓ abre o livro novamente e continua:

AVÓ

A gente sempre encontra uma memória
nova onde parece que acabou.

A câmera alterna entre JULIA e AVÓ. A leitura parece ganhar ritmo, como se o tempo acelerasse por um instante. O fim chega. A AVÓ se inclina ligeiramente para a lateral, sua voz ficando



cada vez mais fraca, seus olhos se fecham de vez e em seu último suspiro, o livro escorregava entre suas mãos.

JÚLIA

Vovó, não é para dormir. Acorda vovó.

JÚLIA, sacode sua vó. JÚLIA fica imóvel por um segundo - JÚLIA entrega-se ao desespero tentando entender o que acabou de acontecer. JÚLIA grita por ajuda.

20 - DE VOLTA AO PRESENTE - INT. TEMPLO JAPONÊS - RITUAL DE DESPEDIDA - DIA

JÚLIA, com hesitação, imita o gesto de inclinar a cabeça - timidez presente.

KENJI

(sussurrando, com um sorriso
encorajador)

Você está indo bem. Aqui, o
importante é estar presente, não
fazer tudo perfeito.

JÚLIA sorri de leve; olhos marejados - ela segura as lágrimas. O ritual segue em silêncio respeitoso; cada detalhe faz sentido agora.

JÚLIA

(pensando, e sussurra para si)
Talvez seja hora de parar de fugir e
começar a valorizar o que ficou... e



o que ainda tenho de memória dela para honrar.

Ela fecha os olhos por um instante e toca no terço de sua avó – reconcilia-se com a memória da avó.

A câmera passeia pelas mãos que transferem os OSSOS; o som do sutra diminui; a cena repousa na urna, agora preenchida.

Um MONGE cobre a tampa com um tecido simples; cabeças se inclinam.

21 – INT.- QUARTO DE HOTEL DE JÚLIA – NOITE

Quarto pequeno e simples. Luz da lua atravessa a janela e desenha retângulos no piso.

O relógio digital no criado: 02:17.

JÚLIA senta-se no chão, de pijama, joelhos abraçados, olhar fixado no COLAR antigo da avó.

Entre os dedos, o COLAR antigo da avó; ela percorre as cordas em silêncio.

JÚLIA

(falando para si mesma)

Eu fugi porque tinha medo... medo de aceitar o que a morte da vó realmente significava, medo de ver tudo mudando. Eu estava errada.

JÚLIA soluça entre o choro silencioso; aperta o COLAR como quem busca consolo.

O olhar pousa numa anotação na mesa: "escutar mais do que falar".



JÚLIA

Esse ritual todo... não é sobre deixar para trás, mas sobre manter vivo. Não é só um monte de regras ou tradições. É uma forma de lembrar.

Um sorriso curto – ironia reconhecida.

JÚLIA

Tá bom, vó. Eu entendi... eu devia ter ficado, mas agora eu sei o que fazer. E prometo que vou fazer direito.

Ela deita o COLAR no criado-mudo, ao lado do OMAMORI de KENJI. Vai se levantar – uma batida leve na porta interrompe o silêncio.

Surpresa, ela vai até a porta e abre. KENJI, com uma sacola de comida, sorri.

KENJI

(sorrindo)

Não consegui dormir, então pensei em trazer um lanche pra gente. Achei que você também estivesse acordada.

JÚLIA sorri – grata pela companhia. Afasta a porta num convite.

JÚLIA

Parece que você lê mentes. Entra, vamos comer.

KENJI entra. A sacola vai para a mesa.

De dentro, ele retira pratos pequenos: onigiri, tempurá. Eles se sentam no chão, lado a lado; abrem hashi descartáveis.



KENJI

(dando uma mordida em um onigiri)
E então... como está se sentindo?
Parece que esses dias mexeram com
você.

JÚLIA

(suspirando)

Mexeram mais do que eu imaginava.
Acho que eu vim para cá sem saber o
que eu realmente procurava... e agora
estou começando a entender.

KENJI a observa – olhar compreensivo, presente.

KENJI

Às vezes, é preciso ver as coisas de
outro ângulo para entender. Os
rituais, por exemplo... eles não são
apenas para dizer adeus, mas para
lembrar, manter perto de nós quem se
foi.

JÚLIA acena, pensativa.

JÚLIA

É engraçado... eu sempre vi despedidas
como finais absolutos. Mas ao ver
tudo isso, é como se houvesse uma
continuidade, algo que fica. Eu...
nunca tinha pensado assim.

KENJI

(sorrindo)

Aqui, a gente acredita que quem
parte ainda permanece, de algum
jeito. Cuidamos dessas memórias



porque elas são parte de quem somos.
Talvez seja por isso que essas
cerimônias são tão importantes para
nós.

O olhar de JÚLIA vai ao COLAR da avó sobre o criado.

JÚLIA

Acho que, no fundo, eu precisava
aprender isso. Não é apenas sobre
deixar o passado para trás, mas
saber que ele pode caminhar comigo,
sem pesar.

KENJI toma um gole de chá; satisfação tranquila com o avanço
dela.

KENJI

E talvez, para entender isso, você
precisava ver com seus próprios olhos.
Não nos livros, não com palavras. Mas
vivendo cada detalhe.

Silêncio bom. mastigações suaves, o relógio vira 02:41.
Lá fora, um trem noturno cruza distante.

JÚLIA

(sorrindo, em tom suave)
Obrigada, Kenji. Por tudo isso...
acho que você sabia que eu precisava
dessa experiência, mesmo que eu
mesma não soubesse.

KENJI

Às vezes, o que a gente mais precisa
é de alguém que nos lembre de olhar



para as coisas que estão ali, bem à nossa frente. E acho que, de certa forma, sua avó também sempre estará te lembrando disso.

JÚLIA fecha os olhos um instante – paz genuína.
Ela ergue a bebida num brinde improvisado.

JÚLIA
Às memórias que nos transformam e nos acompanham.

KENJI ergue o próprio copo; toque delicado.

KENJI
E aos amigos que ajudam a encontrá-las.

Eles bebem. O silêncio compartilha o que não precisa ser dito. KÊNJI aponta a janela: o jardim do templo anexo ao hotel está aceso por lanternas.
Um convite mudo.

22 - EXT. JARDIM DO TEMPLO - NOITE

O jardim silencioso. árvores antigas, lanternas de papel, sino distante.

JÚLIA e KENJI caminham devagar.

Eles chegam a um pequeno altar; um sacerdote ajusta oferendas.



KENJI coloca uma oferta; inclina-se em respeito. JÚLIA imita, atenta ao gesto.

JÚLIA

(pensativa, quase em sussurro)

Eu sempre achei que entender a morte fosse só lidar com o que se perde, mas aqui... sinto que é muito mais. É uma passagem, uma chance de honrar o que veio antes, de se conectar com algo maior.

KENJI sorri, reconhecendo a nova compreensão dela.

KENJI

Eu sabia que o Japão te impressionaria. Não é só aprender uma nova cultura... é um jeito de ver a vida e as despedidas de outra forma. Sua jornada está quase no fim, Júlia. E, de certa forma, também está apenas começando.

JÚLIA encara a chama de uma vela; o fogo reflete nos olhos.

JÚLIA

(sussurrando para si mesma, como se reconhecesse uma verdade escondida) Talvez eu tenha vindo aqui para me despedir... não só dos outros, mas de partes de mim mesma, daquilo que carrego e já não faz sentido manter.

O SACERDOTE finaliza uma prece curta; inclina a cabeça.

JÚLIA e KENJI retribuem, em silêncio.



Eles voltam pelo caminho entre as lanternas. O céu começa a clarear.

23 - INT. QUARTO DO HOTEL - DIA

Luz da cidade entra pelas janelas; reflexos sobre a mala aberta na cama.

JÚLIA organiza roupas com movimentos firmes – sem hesitação.

Ela encontra o OMAMORI que KENJI lhe deu no primeiro dia.

Segura-o nas mãos.

JÚLIA

(sussurrando para si mesma, com um
leve sorriso)

Arigatô, Kenji. Por me mostrar que,
às vezes, o que a gente mais precisa
é parar... e olhar o que estamos
deixando para trás.

Ela acomoda o OMAMORI num bolso interno da mala.

Fecha o zíper. O som da cidade ao fundo – um chamado para o que vem.

Um último olhar ao redor do quarto. Mais leve. Mais inteira.

Ela se senta na beira da cama; escreve no CADERNO: "KOTSUAGE –
presença, cuidado, comunidade."

"Próximas notas: INDONÉSIA /MA'NENE."

O celular vibra – mensagem de PAUL: "Te esperando. Mirador
amanhã?"

JÚLIA sorri e responde: "Chego em breve."



Pela primeira vez, ela se sente pronta pra seguir em frente – levando o que aprendeu, deixando o que já não precisa.

24 - INT./EXT. QUARTO DO HOTEL / SÁIDA - DIA

JÚLIA termina de arrumar a mala. Apaga o abajur.
Pega o colar da avó do criado-mudo – coloca no pescoço.
Passa a mão por sobre o OMAMORI, agora guardado.
Uma última olhada no quarto – um aceno mudo.
Ela puxa a mala e sai para o corredor.

25 - EXT. ESTRADA PARA CELEBES DO SUL, INDONÉSIA - DIA

JÚLIA entra num táxi.
A cidade recua pelas janelas: prédios baixos, feiras, motos.
Gradualmente, surgem campos de arroz em terraços, montanhas azuladas, vilas de madeira.
JÚLIA apoia a testa no vidro, olhando para o cenário.
Passam por uma casa tradicional tongkonan – telhado curvo como proa de barco.
Bandeirolas vermelhas e pretas; chifres de búfalo empilhados no pilar frontal.
O taxista aponta com orgulho para a paisagem.

TAXISTA (O.S.)
In Tana Toranja... rumah leluhur.
Tongkonan. Casa dos ancestrais. Está indo ver os cadáveres?

JÚLIA assente, absorvendo.



No acostamento, mulheres colhem arroz.
Um caminhão leva búfalos decorados. Os animais bufam.
No rosto de JÚLIA, misto de ansiedade e admiração – um convite constante à descoberta.

26 - INT. QUARTO DO HOTEL, INDONÉSIA - DIA

Raios de sol atravessam cortinas de bambu; ventilador gira lento.

JÚLIA desperta. Espreguiça-se; o ar da manhã é fresco.

O quarto é simples: cama com mosquiteiro, mesa com chaleira, mapa de Sulawesi na parede.

Ela lava o rosto; veste roupas leves; confere mochila: caderno, câmera, água, OMAMORI.

Pausa. Lê o bilhete de boas-vindas do hotel: "Selamat datang" (Bem-vinda).

27 - EXT. VARANDA DA CABANA - DIA

JÚLIA pisa para fora;

De olhos fechados, sincroniza a respiração com o ambiente.

Pássaros chamam. Um galo responde.

O vale se abre em degraus verdes; neblina baixa dissolve-se ao sol.

JÚLIA

(sussurrando, determinada)

Agora, é para continuar. Não só para ver o que o mundo tem a mostrar, mas para entender o que eu realmente busco.



Ela ajusta a mochila e desce os degraus da varanda – pronta para o dia.

28 - EXT. VILA - DIA

Ruas de terra batida; casas de madeira erguidas sobre pilares. Fachadas com entalhes, tecidos listrados; crânios de búfalo exibidos como troféus.

Moradores passam com olhares amistosos; alguns acenam, outros oferecem sorrisos discretos.

Uma SENHORA trançando cestas; duas CRIANÇAS correm atrás de uma PIPA.

JÚLIA caminha por ruas de chão batido, entre casas erguidas sobre pilares, as fachadas repletas de entalhes e tecidos listrados. Os moradores a observam com curiosidade afetuosa: sorrisos discretos.

JÚLIA registra detalhes com a câmera – cuidadosa, tímida. Vencendo a timidez, pergunta para um MORADOR local:

JÚLIA

Como é viver cercado de tantas memórias visíveis? Não dá medo?

MORADOR LOCAL

Memória não assusta, querida.
Memória é laço, que nos conecta.

PAUL surge, guia local, sorriso caloroso.

PAUL

(com entusiasmo)



Bom dia, Julia! O Lucas me falou muito sobre você e sua pesquisa.

JÚLIA sorri, à vontade com a recepção.

PAUL

Bem-vinda a Celebes do Sul, Júlia!
Preparada para conhecer "o cálice sagrado da interação com os cadáveres"?

JÚLIA

(meio confusa e rindo)

Olha, Paul... não é toda hora que a gente conhece pessoas que... convivem com os mortos.

PAUL

(sorrindo)

Convivemos, mas a morte vira uma conversa, carinho e um cuidado para nós. Espero que não tenha problema em ter uns "convidados" extras em volta! Você vai se surpreender.

JÚLIA ri, mas sente o peso do que está por vir.

PAUL indica ao longe túmulos cavados na rocha e um ossário.

Em torno, diversas famílias preparam tecidos, escovas, frascos de óleo – e roupas novas.

PAUL

Hoje é o período certo para iniciarmos o ma'nene, começamos após colheita do arroz. As famílias se reúnem para o ma'nene – limpeza,



troca de roupas, encontro com seus entes queridos. É o momento que temos para cuidar e conversar.

JULIA

E vocês sentem... que eles realmente ouvem?

PAUL

Talvez sim. Mas o ma'nene não é só uma conversa. É também uma limpeza dos ossos. Os ancestrais são retirados, cuidados recebem roupas novas, presentes. Acreditamos que, assim, a ligação nunca se rompe.

JÚLIA escuta com atenção enquanto observa uma família organizando o corpo do avô, já seco e preservado, deitado com ternura numa cadeira de madeira. O filho mais velho penteia o cabelo do ancestral, enquanto a neta costura um bolso novo no paletó - coloca uma carta e algumas moedas.

29 - EXT. ÁREA DA EXUMAÇÃO - DIA

PAUL guia JÚLIA por um caminho de cascalho até os túmulos cavados na rocha.

Homens e mulheres trabalham juntos: escovam poeira, ajustam tecidos, entoam cantigas baixas.

Um caixão é aberto com todo cuidado. uma figura ancestral vem à luz, seca, preservada.

Mãos trêmulas, porém, firmes, levantam o corpo e o acomodam numa cadeira de madeira.



JÚLIA observa.

JÚLIA

(brincando, cochichando para Paul)

Essas pessoas são sérias sobre o conceito de "família eterna", hein?

PAUL

(rindo)

Aqui, os ancestrais continuam dando conselho e opinião. Tipo sua tia que insiste em te ligar para reclamar dos vizinhos... mas um pouquinho mais duradouro!

JÚLIA

(rindo, mas pensativa)

É como se eles fossem mantidos vivos... com uma atualização de guarda-roupa anual.

Em outra família, uma neta penteia com carinho os cabelos do ancestral; um neto calça sapatos novos no antepassado.

Uma SENHORA costura um bolso no paletó do avô – coloca uma nota e uma carta dobrada.

JÚLIA e PAUL caminham pela vila.

PAUL

Júlia, uma curiosidade sobre o ritual: o MA'NENE permite que você cuide do vínculo que formou com ancestral. E que continue a alimentar esse vínculo durante sua



vida. É uma forma de nos conectarmos, nos curarmos e até mesmo matar a saudade.

JÚLIA

Sinto que, onde cresci, a morte é o fim. Mas para vocês, parece uma porta aberta.

PAUL

Sim. Ela não é uma “fronteira inflexível”, ou um muro impenetrável entre vivos e os mortos, mas como uma fronteira que pode ser transgredida. Falar com nossos ancestrais, é uma forma de construirmos uma ligação com o espírito da pessoa.

30 - EXT. ÁREA DA EXUMAÇÃO - DIA

JÚLIA e PAUL se aproxima no grande pátio comunitário, famílias, tambores e búfalos se reúnem em torno de oferendas e da celebração do ciclo.

Se inicia o sacrifício do búfalo - tenso e reverenciado - marca a libertação simbólica dos espíritos rumo ao além, reforçando laços de reciprocidade.

Dois HOMENS amarram e segura o animal. Outro HOMEM se aproxima e tira uma machete do cinto e corta diretamente o pescoço do búfalo. O búfalo luta e outro corte é feito no mesmo local. O búfalo cambaleia para a direita e cai no chão.

JÚLIA, impressionada e assustada, confidencia a PAUL:

JÚLIA
(sussurrando)



Então... eles sacrificam o búfalo
para libertar o espírito?

PAUL

(sorrindo, em um tom humorístico)

Isso. E com a quantidade de búfalos
que sacrificam, o espírito sai daqui
fazendo um "upgrade" pra classe
executiva no além.

JÚLIA

(rindo)

Se for pra reencarnar, que seja com
estilo, né? Nunca imaginei a morte
com tanta presença.

PAUL

Essa cena você não encontra no seu
escritório, não é? Eu disse que você
ia se surpreender.

JÚLIA assente com a cabeça levemente enquanto encara o búfalo
caído no chão, o sangue escorre em uma poça de espuma vermelha
em volta do pescoço.

Música suave de TAMBORES; passos compassados.

JÚLIA acompanha a certa distância, os familiares se retiram e
retornam para suas casas na vila.

Ela toca o colar da avó; respira, afinada com o rito.

31 - EXT. VARANDA DE UMA CASA - NOITE

As famílias levam os ancestrais em procissão breve até sua
casa, após a cerimônia do animal. Em uma varanda, há um
ancestral que está acomodado numa cadeira.



A família se reúne e senta-se ao lado dos vivos, compartilham histórias novas e antigas com seu ancestral.

Um SENHOR se aproxima para JÚLIA e PAUL e entrega duas xícaras de café.

JÚLIA

Paul, o ritual de hoje foi tenso. É bem diferente do que estou acostumada. Minha tia iria ficar horrorizada com a cena de hoje. Haja estômago para aguentar.

PAUL

Para nós Júlia, o maior respeito que podemos oferecer aos mortos é tirá-los do túmulo. Isso funciona conosco pois sentimos como uma forma importante de continuarmos ligados aos mortos.

JÚLIA

Eu sinto muito Paul. Estudei tantos anos a morte, não achei que haveria resquício de preconceito em mim. Mas hoje, percebi que está tudo bem falar dos mortos e interagir com eles. No meu país, é quase uma ofensa chegar perto ou simplesmente encarar o morto por muito tempo. Mas aqui, é tão normal e libertador.

PAUL

Entendo o que quer dizer. O modo ocidental de enterrar os mortos é bem isolado e solitário. Enterram seus entes em uma fortaleza de cimento embaixo da terra, mas ouse



permanecer entre os vivos. Aí eu te pergunto: por que preservar um corpo de forma tão intensa se o país não planeja ficar com ele?

JÚLIA

Em uma das minhas entrevistas, entrevistei uma agente funerária. E uma das falas dela foi que a maioria das vezes os clientes ligam para perguntar como estaria o corpo da mãe depois de 7 anos? Vocês sabem perfeitamente bem como o corpo da mãe está, mesmo onze anos após a morte dela. Ver a mãe de novo, mesmo no estado alterado, me parece ser menos assustador do que os espectros da imaginação humana.

Som de insetos ao longe; o vento assovia entre as ripas. A conversa flui serena.

PAUL

Para nós, a morte não é uma despedida. É só... uma mudança de endereço.

JÚLIA passa os dedos num cordão – pertenceu à avó. Olhar recolhido.

JÚLIA

(tocando um cordão que pertenceu à sua avó, pensativa)
E se... a pessoa do outro lado quer que a gente siga em frente?



PAUL

(sorrindo)

Ah, eles entendem. Não é para segurar o espírito, mas sim para honrar o que eles foram para nós. É mais uma parceria com a memória, do que com a ausência. Vamos? Amanhã temos a agenda cheia.

PAUL e JÚLIA se retiram para o hotel.

32 - EXT. PÁTIO CENTRAL - VILA DE TANA TORAJA - DIA

Galos fardos cacarejam. Cachorros magrelos correm atrás dos galos e crianças gargalham correndo atrás dos cachorros. Mulheres batem no arroz recém-colhido com varas compridas de bambu em movimentos hipnotizantes e repetitivos.

JÚLIA caminha ao lado de PAUL pelo vilarejo. Ao fundo, dez casas-túmulo estão alinhadas, algumas com cadeados grandes nas portas.

JÚLIA

(Olhando os túmulos)

Esses cadeados nos túmulos... É para evitar roubo?

PAUL

Sim. Não que a gente não confie nos vizinhos. Mas uma vez roubaram uma múmia daqui, foi uns anos atrás. Levaram ela para Rantepao para vender. Alguns moradores conseguiram descrever os ladrões, a vila



identificou e foram roubar de volta a múmia.

Eles seguem andando. Um grupo de aldeões limpa a frente das casas-túmulo, varrendo folhas, tirando poeira, colocando panos limpos sobre a mesa de pedra.

JÚLIA

E o corpo fica aqui? Nas casas? Até o funeral?

PAUL

Fica.

JÚLIA hesita.

JÚLIA

Isso é... comum? Digo os mortos ficarem em casa?

PAUL ri da pergunta.

PAUL

Quando eu era criança, meu avô, ficou em casa por sete anos. Eu e meu irmão dormíamos na mesma cama que ele. De manhã a gente vestia roupa nele, punha ele de pé encostado na parede. À noite, voltava para cama.

JÚLIA

A morte sendo nossa companheira a todo momento.



Eles passam diante de uma família abrindo um túmulo. Dois homens levantam uma porta pesada de madeira. Outro segura uma lanterna.

PAUL

Hoje é ma'nene. Vamos abrir os do meu tio e do meu bisavô.

(Pausa curta)

Nunca conheci nenhum dos dois vivos.

Os aldeões retiram um corpo cuidadosamente envolto em tecido, apoiando-o em uma cadeira de madeira para limpeza.

JÚLIA

(Com cuidado)

Como eles mumificam... aqui? Eu já ouvi falar sobre mumificação feitas em climas muitos secos ou muito frios. Mas o ar da Indonésia é exuberante e úmido. Como os mortos desse vilarejo se tornam múmias?

PAUL

Tem gente que prefere fazer do jeito antigo. Enfiando óleo pela garganta da pessoa, e cobrir a pele com folhas de chá e casca de árvores. Pois o tanino endurece a pele, deixando elas mais firme e mais resistente ao ataque de bactérias. É bem parecido com a taxidermia.

Eles veem outra família preparando materiais - seringas, frascos, panos limpos.



PAUL

Mas muitos hoje em dia já usam formol de embalsamador. Uma receitinha rápida pra você Júlia: uma porção de formaldeído, metanol e água. E voilà, injeta no corpo e temos a nossa múmia.

JÚLIA

E vocês... gostam desse método?

PAUL

Nem todo mundo. Tem gente que acha invasivo. Mas quase todo mundo faz.

JÚLIA observa uma mulher limpando cuidadosamente o rosto do ancestral do PAUL com um pano úmido. Não há choque ou medo na expressão dela - apenas rotina.

JÚLIA

Minha tia não iria acreditar nisso.
Ela ficaria assustada.

PAUL

Aqui, ver o corpo não é estranho. É pior imaginar do que ver. Eles sabem exatamente como a mãe, o avô... estão.

JÚLIA

Parece... outra relação com a morte.

PAUL

É. Aqui, a fronteira não é tão rígida.



A aldeia continua o ritual ao fundo - ritmo de vida e morte misturados.

33 - EXT. MONTANHAS DE TANA TORAJA - DIA

Ponto alto de mirante. Vales em degraus de arroz, nuvens roçando os picos.

JÚLIA e PAUL encostam numa cerca de madeira, contemplando.

Ela segura o cordão; fecha os olhos um segundo.

JÚLIA

(suspirando, pensativa)

Sabe Paul..., eu vim aqui achando que ia entender a morte. Mas acho que aprendi mais sobre a vida do que qualquer outra coisa.

PAUL

(sorrindo, olhando para ela)

É isso que as cerimônias fazem. Às vezes, você precisa abraçar a finitude para lembrar de viver.

JÚLIA

(sorrindo)

Eu achava que precisava deixar minha avó, minha mãe, todas para trás para seguir em frente..., mas agora entendo que ela ainda está aqui, de alguma forma. Não é preciso "soltar" as memórias. Só carregar com leveza.



PAUL

(dando um leve tapa no ombro de
Júlia)

Exatamente. No fim das contas, a
gente só continua... um pouco mais
completo, né?

Eles descem a trilha em silêncio. Pés sobre terra úmida; folhas
estalam.

Um grupo de jovens passa subindo – risos, acenos.

PAUL comenta um provérbio local sobre quem caminha com os
antepassados jamais caminhar só.

JÚLIA anota; guarda o caderno.

A câmera se afasta – os dois são figuras pequenas num mundo
vasto.

34 – EXT. PÁTIO DA VILA EM TANA TORAJA – DIA

Pátio repleto de risos, conversas, tecidos coloridos.

Aldeões preparam oferendas para o ritual final: flores, frutas,
fitas, velas.

Júlia, já integrada, ajuda com entusiasmo – passa cestas,
organiza mesas.

ANA, uma aldeã mais velha, aproxima com um arranjo de flores e
o entrega a ela.

ANA

(sorrindo)

Leve essas flores, Júlia. São para
os nossos que sempre estão por



perto, mesmo que não possamos vê-los.

JÚLIA pega as flores, tocada pelo gesto.

Ela se aproxima do altar comunitário.

JÚLIA

(caminhando em direção ao altar)
É uma maneira bonita de lembrar...
Eu nunca pensei que seria assim.

ANA

Aqui, nós acreditamos que ninguém se vai de verdade. Eles vivem nas histórias e nas lembranças, bem aqui conosco.

JÚLIA coloca as flores com cuidado no altar.

Olha os familiares organizando o rito.

A mão dela toca instintivamente o cordão da avó.

35 - EXT. PÁTIO - DIA

RAVI, jovem aldeão, observa e se aproxima com sorriso tranquilo.

Ao fundo, crianças ensaiam uma cantiga; uma ANCIÃ pinta símbolos em um tecido.

RAVI

Parece que você entendeu nosso jeito, Júlia. Não é como onde você vive, certo?



JÚLIA

(pensativa)

Não... onde eu cresci, a morte é mais como um fim. Aqui, parece que é apenas uma mudança, como se ninguém realmente fosse embora.

RAVI sorri, acenando – faz um gesto de respeito ao altar. JÚLIA o imita.

JÚLIA

(voltando-se para Ravi e Ana)

Acho que estou entendendo, aos poucos. Eu carreguei tanto medo de esquecer, de perder quem amo. Mas agora vejo que... essas lembranças estão sempre aqui. Não dependem da presença física, mas dos momentos que escolhemos manter vivos.

ANA

É isso mesmo. Não precisamos segurar ou deixar ir completamente. O cuidado é o que mantém tudo e todos próximos.

36 - EXT. VILA - DIA

Ruas estreitas de terra. Júlia caminha devagar, sorriso no rosto. Júlia aponta a comida; um gesto pede uma porção. A senhora sorri e serve, explicando os ingredientes com voz suave.

Júlia dá a primeira mordida. Ela se delicia; olha ao redor – crianças correm, riem, brincam.



Sem perceber, ela ri também – contagiada pela leveza do momento.

37 - EXT. MERCADINHO DE ARTESANATO - DIA

Sol derrama luz dourada sobre bancas de palha. Cestas coloridas balançam com o vento leve. Tecidos vibrantes foram mosaicos em movimento. Esculturas de madeira exibem rostos ancestrais, animais místicos, símbolos de linhagens antigas.

JÚLIA caminha devagar entre as bancas, como quem entra num museu vivo. Ela toca levemente a superfície de uma escultura; o rosto talhado revela rugas que parem rios antigos.

Compra um pequeno talo entalhado com símbolo de família.

JÚLIA segue por um caminho de terra batida até um mirante improvisado: duas pedras grandes e uma cerca de madeira desgastada. A vila abaixo começa a acender lanternas; luzes amarelas piscam entre telhados de barro. Grilos começam a cantar, uma brisa fria sobe.

JÚLIA se senta, encostando as costas na pedra. Ela observa a luz do fim de tarde dissolver-se em azul. Lanternas tremem, refletindo nos olhos dela.

O talo entalhado escorrega levemente de sua mão e cai na jaqueta. Ela o segura novamente, girando-o entre os dedos.

A imagem começa a desbotar. Cores perdem forçam, como se o dia estivesse exalando um último suspiro. Os olhos da JÚLIA começam a piscar, ficando cada vez mais pesados.



O som ambiente vai se dissipando - substituído por um RONCO BAIXO, constante que parece vir de dentro da própria memória. O talo entalhado escorrega de sua mão. O som de grilos mistura-se gradualmente com o som abafado de turbinas.

38 - INT. AVIÃO - NOITE

Júlia desperta de repente.

Há pouco, estava sentada no banco, apreciando o som dos grilos do anoitecer. A vila e o mirante parecem distantes, como lembranças que não cabem mais na pele.

Agora, poltronas de avião, luzes artificiais, movimento abafado de passageiros. JÚLIA encara o próprio reflexo no vidro da janela.

Ela pisca, confusa. Olha pela janela - céu e nuvens. Paisagem fria, distante.

Passa as mãos no rosto, tentando lembrar como chegou ali - mente enevoada.

Desconexão: sensação de estar entre dois mundos.

PILOTO (V.O.)
(calmo e profissional)
Senhoras e senhores, por favor,
apertem os cintos. Estamos nos
aproximando de nosso destino final:
La Paz, Bolívia.

As palavras atingem como um choque.

JÚLIA



(sussurrando, para si mesma, com
uma voz trêmula)
La Paz...? Eu estava em Tana Toraja.

Júlia sente-se desconectada, como observadora de fora, cada movimento ao redor parece distante, abafado, quase irreal. Ela volta à janela – montanhas bolivianas emergem das nuvens, envoltas em névoa.

Cenário suspenso, etéreo – como sonho.
Desorientação cresce. Ela agarra os apoiadores da poltrona.

JÚLIA

(quase inaudível, em um murmúrio)
Isso não faz sentido... Eu estava em
Celebes do Sul.

39 - INT. AVIÃO – CORREDOR – NOITE

Ela tenta levantar-se. O corredor parece se estender ao infinito. A câmera a acompanha, registrando seus passos vacilantes sobre o carpete. Os assentos, distorcidos pela falta de estabilidade, parecem alongar-se na imagem.

Ela fecha os olhos, sacode a cabeça, forçando a acordar. O sinal de apertar cintos acende em âmbar, e uma voz eletrônica em espanhol irrompe pela cabine.

Anúncio em espanhol: “tripulación, preparar para el aterrizaje”.

JÚLIA aperta com mais firmeza o cordão da avó, que permanece ancorado em seu pescoço.

Uma aeromoça passa; ela tenta falar, mas a voz falha.

O corredor volta a se aproximar de Júlia, mas a distância é psíquica: ela continua sentada, segura no cordão, os fixos na



janela, buscando um sinal de que o chão ainda está sob os pés, mesmo que tudo ao redor pareça se dissolver.

A cena se afasta de Júlia de maneira lenta e constante. Ela fica quase como uma silhueta, translúcida, marcada apenas pela luz suave que entra pela janela. O brilho lá fora parece desenhar uma moldura ao redor dela, como se o espaço inteiro pudesse se dissolver a qualquer momento.

O reflexo do mundo externo começa a se misturar com o interior do avião; os seus contornos vão se fundindo com o cenário que ainda está ao seu redor, criando uma fusão entre o que está por dentro e o que está lá fora. Esse reflexo começa a se transformar - as nuvens se dispersam, e vultos de pessoas caminhando aparecem.

40 - EXT. AEROPORTO DE LA PAZ - NOITE

Saída do terminal. Júlia caminha desorientada; olhar perdido no vai-e-vem de passageiros.

Respiração curta; uma leve vertigem. Ela desacelera, uma mão no peito.

VOZ MASCULINA
(à distância)

Júlia?

Ela se vira. MATEUS, amigo de infância, ergue a mão - sorriso acolhedor, olhar atento.

A aproximação dele parece puxá-la de volta ao presente.

MATEUS
Estava te esperando!



JÚLIA

(hesitante)

Mateus... eu... acho que não lembro
como cheguei aqui. Foi você quem...
me chamou?

MATEUS

(com uma expressão grave, mas
amigável)

Não exatamente. Mas serei seu guia
na sua aventura do despertar. Não se
preocupe, La Paz tem um jeito de
lemburar as coisas que a gente
esquece.

Ele a observa com cuidado — como se soubesse algo que ela ainda
não percebe.

JÚLIA assente; uma intuição diz que há propósito mais fundo
nesta chegada.

JULIA

Mateus, eu...

MATEUS

Uma hora você irá entender. Agora
vamos te acomodar.

41 - EXT. PONTO DE TÁXI - NOITE

Eles entram num táxi. MATEUS dá o endereço em espanhol ao
motorista.

MATEUS



La dirección es calle Sagárnaga,
número 247, em el centro de La Paz.
Es una casa com uma puerta azul.

JÚLIA encosta a testa no vidro; olha a estrada – pensamento distante.
O carro arranca.

42 - INT. CASA DE MATEUS - NOITE

Casa simples, cheia de vida. Paredes com tecidos andinos; plantas em latas pintadas.

No centro, uma mesa: um crânio decorado com flores, fitas, um rosário; vela, copinho de água, folhas de coca.

Júlia se senta numa cadeira; olhar curioso e respeitoso.
Mateus organiza oferendas com gestos tranquilos.

JULIA

(Olhando para o crânio com cuidado)
Esse é um dos... Nātitas?

MATEUS

(Sorrindo, enquanto acende uma vela)
Sim, exatamente. Ele é o guardião da minha família há gerações. Cuidamos dele, e ele cuida de nós.

JULIA

(Ainda intrigada)
Então... é como se vocês acreditassesem que ele está, de certa forma, vivo?



MATEUS

(Sentando-se ao lado dela.)

De certa forma, sim. Mas é mais do que isso. Nós acreditamos que os Nātitas são nossos intermediários com o mundo espiritual. Eles têm o poder de proteger, guiar e até conceder milagres.

JULIA

(Baixando o olhar, pensativa)

E vocês acreditam que ele pode... ajudar a lidar com a morte? Com a perda?

MATEUS

(Com um olhar sério, colocando a mão sobre o crânio.)

A morte aqui não é vista como um fim, Julia. Acreditamos que nossos entes queridos nunca nos deixam de verdade. Esse crânio, por exemplo, é de um dos meus antepassados. Ele continua conosco, nos guiando e nos protegendo. Os Nātitas são como pontes entre nós e eles.

JULIA

(Tocando levemente no crânio, com hesitação.)

Eu nunca vi algo assim. É... estranho pensar em um crânio como um protetor.

MATEUS

(Rindo suavemente)

Entendo. Não é algo que a maioria das pessoas entende logo de cara.



Mas aqui, na Bolívia, especialmente em La Paz, isso é parte da nossa cultura. Os Nātitas são sagrados, Julia. Durante o Dia dos Mortos, nós os enfeitamos com flores, chapéus, óculos. Acreditamos que, em troca de nossas orações e oferendas, eles nos abençoam.

JULIA

(Surpresa)

E as pessoas realmente acreditam nisso?

MATEUS

(Sério, mas com um sorriso suave)

Sim, profundamente. Eles nos protegem contra o mal e trazem boa sorte. Fazemos festas, cantamos, dançamos... tudo para honrá-los. Cada família tem seu próprio ñatita, e nós o tratamos como parte da família. Olha, mesmo quando as coisas ficam difíceis, como na perda de alguém, as ñatitas nos lembram que a vida continua, que nossos antepassados ainda estão aqui, cuidando de nós.

JULIA

(Aos poucos, assimilando a ideia)

É uma forma de manter os mortos vivos... Não fisicamente, mas... espiritualmente.

MATEUS

(Sorrindo)



Exatamente. Não só vivos, mas presentes, ajudando, protegendo. Eles nunca vão embora, Julia. Os nãtitas são a prova disso. Eles nunca vão embora, JÚLIA. As nãtitas são a prova disso.

Mateus posiciona flores novas; ajeita um pequeno chapéu no crânio.

Mostra a JÚLIA como pingar água perfumada e acender uma vela "para abrir caminho".

Ela fecha os olhos, mão ao peito; a respiração, enfim, fica serena.

Quando abre os olhos, o ambiente parece mais nítido.

Um rádio baixo toca uma zamba; a chama da vela trêmula e ilumina a mesa.

43 - EXT. RUAS DE LA PAZ - DIA

O sol se põe por trás das montanhas andinas.

Céu alaranjado; som de tambores e flautas ao longe.

JÚLIA e MATEUS caminham por ruas estreitas de paralelepípedo. Fachadas coloridas; lanternas começam a acender; feirantes guardam barracas.

JULIA

(Observando ao redor, curiosa)

O que está acontecendo?

MATEUS

(Sem parar de caminhar)



Estamos indo para o ritual de honra
aos mortos. Hoje você vai
experimentar o que significa
celebrar a vida e a morte juntos.

Dobram uma esquina e alcançam uma praça.
Multidão; altar ao centro com velas, flores, crânios adornados.
Clima de celebração com reverência solene.

44 - EXT. PRAÇA - ENTRADA - DIA

Vendedores oferecem flores, velas, miniaturas de casas e
carros.

Cheiro de incenso, álcool perfumado.

MATEUS compra duas velas brancas e entrega uma a JÚLIA.

Ela segura - mãos ainda trêmulas da altitude.

Pessoas reunidas ao redor do altar.

CRÂNIOS (ñatitas) com coroas de flores e pequenos objetos
pessoais.

Cânticos em coro; tambores compassados.

MATEUS

(Olhando diretamente para Julia)
Esses são os Nãtitas. Eles não são
apenas restos mortais... São nossos
guias espirituais. Hoje você terá a
chance de lidar com seu luto.

JULIA

(surpresa, com um nó na garganta)
Meu luto?



MATEUS

Sim. Eu sei que você carrega essa dor. Aqui, no meio deste ritual, você pode transformar isso. A morte não é o fim, é apenas uma passagem.

MATEUS pega uma vela branca e oferece a ela. JÚLIA recebe a vela.

MATEUS

(Com ternura)

Coloque essa vela perto de um Nātita. Pense na sua mãe. Diga o que precisa ser dito.

JÚLIA aproxima-se do CRÂNIO.

Ela se ajoelha; coloca a vela diante dele.

Fecha os olhos – respiração contida.

Lágrimas surgem, seguras no canto dos olhos.

45 - FLASHBACK – INT./EXT. LEMBRANÇAS COM A MÃE - DIA

A MÃE de JÚLIA ensina-a a quebrar ovos. Mas, em vez de ensinar, transforma a atividade em brincadeira: desenha carinhas nos ovos antes de quebrá-los. JÚLIA ri com a brincadeira, mas a mãe aparenta nervosa, finge estar calma, porém sua mão treme levemente.

No quintal as duas fazem um “teatro de sombras” com um lençol estendido ao sol. A MÃE olha em seu celular a cada poucos segundos – tela piscando, notificações que ela esconde. JÚLIA pisca devagar, aparenta estar sonolenta.



A MÃE percebe, guarda o celular no bolso e a pega no colo. Ela caminha em direção ao quarto de Júlia. Coloca-a delicadamente na cama. Passa a mão levemente pelos cabelos de JÚLIA, acariciando a filha, como se tentasse gravar aquele toque na memória. A MÃE segura o rosto da filha por um segundo a mais do que o esperado, e deposita um beijo em sua testa.

MÃE

Espero que um dia você me perdoe!

A MÃE se afasta e caminha devagar, quase arrastando os pés. Na porta, hesita. Pega uma mala que estava encostada na parede - já pronta. E caminha em direção a saída do apartamento. JÚLIA, meio acordada, observa apenas um vulto desfocado da mãe no corredor. Seus olhos pesam, se fechando lentamente. A MÃE desaparece na escuridão do corredor. Um click suave da porta sendo fechada.

46 - EXT. PRAÇA - DE VOLTA AO PRESENTE - DIA

As lágrimas escorrem livremente agora. Ela não esconde - deixa cair. Ao fundo, MATEUS observa à distância - respeita o momento. Um canto sobe de volume; a multidão responde. O som dos tambores aumenta; cânticos ecoam. Pessoas formam um círculo e começam a dançar. Pés batem ritmados no chão. Mateus aproxima-se de JÚLIA.



MATEUS

(sorrindo, gentil)

Vamos dançar.

JULIA

(limpando os olhos, hesitante)

Dançar?

MATEUS

É assim que homenageamos os mortos.

Com vida, com alegria.

É assim que homenageamos os mortos. Com vida, com alegria.

JÚLIA sorri timidamente e aceita a mão dele.

Entram no círculo – passos simples; ela aprende o ritmo.

O rosto dela relaxa; um sorriso pleno surge entre lágrimas secas.

Vela de JÚLIA queimando estável; a câmera sobe para a coroa de flores de um ñatita;

JÚLIA e MATEUS dança no fluxo da comunidade.

Eles param de danças. MATEUS e JÚLIA se sentam no banco.

JULIA

(baixinho, com doçura)

Por um momento... eu a senti. Minha mãe. Como se estivesse aqui.

(pausa)

E doeu. Mas também... não sei. Foi como respirar fundo depois de muito tempo segurando o ar.

MATEUS observa a vela acesa diante da ñatita.



MATEUS

Esse é o trabalho delas.

(gesticula apontando para as
caveiras)

As ñatitas puxam o que a gente
esconde. O que pesa dentro de nós.

JÚLIA

Você fala como se elas estivessem
vivas.

MATEUS

(sorriso tranquilo)

Pra nós, estão. Cada ñatita carrega
um tipo de dor... e um tipo de cura.

JÚLIA

Existe uma ñatita, que cure
abandono? Eu achava que já tinha
superado. Mas cada vez que toco
nesse assunto... parece que tudo
volta. Como quando a vela apagou,
mas acendeu dentro de mim.

MATEUS

O abandono é um luto que não tem
corpo pra enterrar.

(Pausa)

Mas aqui, a gente entrega esse vazio
para alguém que pode guardar. Olha
pra ela.

JÚLIA encara a ñatita: decorada com flores, lenço coloridos, um
cigarro apagado entre os dentes.

MATEUS



Ela não te devolve tua mãe. Mas devolve o que você perdeu junto dela: tua força, tua confiança, tua capacidade de ficar inteira.

JÚLIA

E... o que eu faço agora?

MATEUS

Fica. Senta-se com ela. Conta o que doeu e o que ainda dói. As ñatitas não julgam. Não mandam esquecer. Elas só seguram junto. E quando você levanta... se levanta mais leve.

JÚLIA observa a vela queimando firme.

MATEUS

Comece agradecendo. E depois, as palavras vêm.

JÚLIA se senta diante da ñatita, ainda tremendo. MATEUS se afasta um passo, respeitando o espaço dela, mas permanece por perto. JÚLIA reacende a vela, a câmera se afasta.

47 - INT. QUARTO DE JULIA - NOITE

A luz do luar entra pelas cortinas; sombras macias no quarto. Júlia se senta na cama, envolta por um cobertor fino, abraçando os joelhos. Sobre a mesa de cabeceira, a ñatita da família de MATEUS – trazida para uma vigília breve, com flores e adornos do ritual, mediante permissão e respeito – a “visita” noturna. Som do vento lá fora; cidade distante.

JÚLIA encara a ñatita.

JULIA

(Sussurrando para si mesma)



Você não está mais aqui... e está tudo bem.

Ela se reclina, deita-se com o cobertor. Olhar ao teto.

JULIA

(Pensativa)

Mamãe... eu finalmente entendo. Não é o fim... é só o começo de outra parte.

(voz embargada, mas serena)

Eu te amo... sinto sua falta. Mas acho que agora posso te deixar ir... posso viver, sem medo de esquecer. Você sempre vai estar comigo nas minhas melhores lembranças. Posso não entender o motivo da sua ida, mas eu ficarei bem contigo.

Uma lágrima escorre; ela a enxuga com a ponta dos dedos — e sorri.

JULIA

(para si mesma, determinada)

Eu posso seguir em frente.

Ela se vira de lado; abraça o travesseiro com ternura.

Longe, uma melodia suave ecoa do ritual.

A câmera se afasta: JÚLIA deitada, expressão tranquila; a níatita, serena sobre a mesa — lembrete do que foi aprendido.

48 - EXT. PÁTIO DA CASA / COMUNIDADE EM EL ALTO - DIA

Ar fresco; pássaros cantam.



JÚLIA na varanda pequena — observa o movimento tranquilo de dois vizinhos.

Um senhor varre a calçada, cinco crianças com mochilas.

Mateus surge do lado da casa, caminha até ela — sorriso no rosto.

Traz dois copos de chá de ervas.

MATEUS

Dormiu bem?

JULIA

(Simples)

Sim, muito bem. Acho que precisava disso.

MATEUS se senta ao lado; coloca um copo sobre a mesa.

MATEUS

Sua viagem está quase no fim.

JULIA

(Concordando)

Sim. Mas não acho que serei a mesma depois dessa semana.

MATEUS

Você passou por uma transformação, por todos os rituais que passou. Não mudamos você..., mas ajudamos a lembrar do que estava aí dentro o tempo todo.

JÚLIA sorri — leve e genuíno.



49 – EXT. MERCADO DA VILA – DIA

JÚLIA caminha entre barracas; vendedores a recebem com simpatia.

Ela prova pratos típicos; risos partilhados; troca de palavras em espanhol/aymara.

Uma mesa de madeira abriga pequenas caveiras humanas, limpíssimas, adornadas com flores frescas, fitas coloridas, velas.

DONA LUZMIRA, com mãos firmes, ajeita a coroa de uma caveira antes de notar a presença de JÚLIA. Sem interromper o gesto, ela a recebe com um aceno de cabeça, como quem convida para uma casa onde o tempo é presença.

DONA LUZMIRA
Chega mais... Posso te apresentar
algumas de nossas protetoras.

JÚLIA se aproxima devagar, absorvendo cada detalhe: o brilho das velhas, o cabo da cera derretendo, o cigarro fumegando na boca de uma caveira.

Uma MULHER JOVEM aproxima-se com suavidade, limpando a testa de uma ñatita com um pano úmido. Depois de um gesto leve, entrega a tigela a JÚLIA, com um aceno que convida.

MULHER JOVEM
Pode cuidar dessa aqui.

JÚLIA hesita, mas aceita. Aproxima-se de uma caveira menor,



envolta num pano colorido que parece um cobertor. Ela toca a superfície fria com o pano;

Ao redor, pessoas vão chegando para deixar pequenas oferendas: uma pedra azul que brilha suavemente, uma flor recém-colhida, um cigarro, um terço improvisado com contas brancas.

Um HOMEM coloca uma bela diante de outra caveira

HOMEM

Essa aqui é minha madrinha. Se eu não a visito, ela reclama nos meus sonhos.

JÚLIA solta uma risada baixa. DONA LUZMIRA amarra uma fita com cuidado.

DONA LUZMIRA

As ñatitas não deixam ninguém sozinho. Mas também não gostam de abandono.

DONA LUZMIRA encara JÚLIA com uma serenidade firme.

DONA LUZMIRA

Quando a gente fala com as ñatitas, é com a memória que conversamos. E a memória sabe o caminho.

JÚLIA assente. Coloca diante da caveira que está sendo limpa o pequeno cordão de ervas.

JÚLIA

Pra te acompanhar.



Fogueira baixa no pátio interno; sombras dançam nas paredes.
JÚLIA se senta com a família; uma anciã conta histórias das
ñatitas.

Chama ilumina rostos atentos – silêncio reverente entre frases.
Júlia absorve cada detalhe – respeito quase solene no olhar.

ANCIÃ
(serena)

Os ossos falam devagar. A gente
aprende ouvindo com paciência.
Flores, água, vela – e palavra
sincera. Assim a ponte fica forte.

JÚLIA acena; a mão toca o colar da avó.
Ela bebe um gole de chá; a calma pousa como um manto.
Crianças cochicham, apontam para miniaturas e coroas de flores.
A ANCIÃ mostra um retrato antigo; a ñatita da família ao lado,
adornada.
JÚLIA escuta; seus olhos brilham – memória e pertença em
construção.
JÚLIA caminha com MATEUS e MORADORES por uma trilha íngreme.
O vento toca o rosto; o vale se abre vasto.
Ela fecha os olhos, respira – abre e contempla com serenidade.
Pequena pausa. As pessoas se espalham; murmurios, risos baixos.
JÚLIA observa o mundo aberto – sentimento de pertença, de algo
maior.

51 - EXT. PÁTIOS DA COMUNIDADE - DIA

JÚLIA surge do interior da casa do Mateus carregando sua
mochila. Antes de cruzar o pátio, ela faz uma breve reverência



às natitas. No centro do pátio, MATEUS a aguardava encostado a um banco de madeira rústico.

MATEUS

(Calmamente)

Pronta para seguir em frente?

JULIA sorri, seu olhar cheio de gratidão.

JULIA

(simples, mas com significado)

Sim. Acho que agora estou pronta.

MATEUS

Espero que tudo dê certo em sua jornada Julia.

JULIA

(Sorri, emocionada)

Obrigada, Mateus... por tudo.

Eles se abraçam – aperto firme, silencioso.

JÚLIA se afasta e caminha rumo ao horizonte; um transporte a espera.

Ela olha para trás – a comunidade que agora faz parte de quem ela é.

Um sorriso curto antes de seguir.

52 - EXT. ESTRADA ALTA - DIA

O veículo parte; teleférico cruza o céu ao longe. O carro segue pela estrada sinuosa. O sol já desce atrás das montanhas espalhando um dourado pálido.



PLANO DETALHE: mãos de JÚLIA segurando o pendente. O metal reflete a luz do entardecer.

A CÂMERA sobe lentamente, deixando o pendente perder o foco. A imagem começa a tremer de leve, como se o ar entre o mundo e a memória se agitasse.

O carro diminui de tamanho na estrada se afastando cada vez mais. A luz do sol clareia e a estrada dissolve-se como poeira. Aos poucos, formas brancas e acinzentadas surgem dentro da luz. Encontrando-se superfícies lisas- lençóis, metal, o brilho de equipamentos hospitalares.

O som do BIP cardíaco se estabiliza.

CAPÍTULO 3: O COMEÇO DEPOIS DO FIM.

53 – INT. LEITO DE HOSPITAL – NOITE

Júlia repousa pálida no leito.

ENFERMEIRO

Nós estamos acompanhando tudo de perto, mas... (tenta suavizar)
Ela pode não sobreviver às próximas horas.

Na mesma fração de segundo ouve-se o BIP final, e o monitor mostra uma linha contínua. TIA MARIA leva a mão à boca, tentando abafar um grito. Seu desespero cresce, já não consegue conter mais as lágrimas. O ENFERMEIRO pressiona o botão chamando as enfermeiras. ENFERMEIRAS entram no quarto com equipamentos médicos para fazer uma ressuscitação.

A luz fria da manhã desenha sombras na parede.



TIA MARIA segura a mão de JÚLIA; olhos marejados.

TIA MARIA

(sussurrando)

Minha menina... tão corajosa. Eu sei que você está pronta para seguir..., mas quero que saiba que estará sempre aqui, comigo.

O espírito de JÚLIA surge no canto do cômodo – vestida com a roupa hospitalar, descalça, como se tivesse acabado de acordar de um sonho. JÚLIA olha para todos os lados, desorientada e assustada. Ela se vê deitada na cama hospitalar.

JULIA

Não... ainda não. Não é possível.
Eu não tô pronta.

Amigos entram no quarto do hospital e se reúnem: MATEUS, ANA, CARLOS e KENJI.

Formam um círculo silencioso – uma vigília.
KENJI toca o ombro de TIA MARIA – gesto de apoio.

MATEUS

(em voz baixa, emocionado)

Júlia... você sempre encontrou um jeito de enxergar o lado bom. Era como se nada pudesse te parar.

ANA

(com lágrimas contidas)

Eu lembro daquela vez que você nos fez subir aquela trilha, só pra ver o nascer do sol. A gente estava tão



cansado, mas você só ria, dizendo que aquilo era só o começo.

CARLOS

(sorrindo levemente)

Sempre fazia a gente rir. Mesmo nos momentos mais difíceis, você conseguia nos fazer ver as coisas de um jeito melhor.

KENJI segura a MÃO de JÚLIA;

KENJI

Que seu espírito encontre paz e que as memórias que deixou continuem crescendo, como as sementes que você plantou em cada um de nós.

Ela observa TIA MARIA e seus amigos em volta do seu leito. JÚLIA tenta chamar seus nomes, mas sua voz não produz som. Ela se aproxima, toca o ombro da tia. A mão atravessa. Uma brisa suave se forma, e os cabelos de TIA MARIA se mexem discretamente. Ela não percebe.

JÚLIA olha para si mesma na cama, pálida. Ela tenta tocar o lençol, sentir o tecido, mas sem sucesso.

Imagens fragmentadas, MONTAGEM: viagem do Japão, as velas de ñatitas, o ritual da Indonésia.

Os fragmentos colidem como vidros quebrando.

JÚLIA

Eu achei que tinha viajado pelo mundo. Mas eu estava só... tentando



voltar pra mim mesma. Tudo isso, foi para que eu conseguisse olhar para dor... para vocês.

TIA MARIA

(voz baixa, fraca)

Preciso ir ao apartamento dela.
Tenho que cuidar de algumas coisas.
Empacotar suas coisas. E prepara seu funeral.

MATEUS

Nós vamos com você tia.

TIA MARIA assente levemente. Eles saem do quarto deixando JÚLIA aos cuidados do hospital.

54 – INT. CASA DE JÚLIA – NOITE

TIA MARIA caminha pela sala, recolhendo objetos para o velório. Fotografia em porta-retrato; o TERÇO da avó sobre uma bandeja.

TIA MARIA toca o terço com delicadeza.

A sala guarda detalhes que puxam lembranças – cortinas imóveis, poeira no feixe de luz.

Canto da sala: caixas com objetos amontoados – silenciosos, esquecidos.

As lágrimas de tia maria escorrem discretas.

TIA MARIA

(baixinho)

Sentiremos sua falta.



Ela se ajoelha diante de uma caixa – retira um caderno antigo, uma fita de cabelo.

Sorri triste; devolve com cuidado; fecha a caixa.

KENJI abre uma maleta; compartimentos se revelam:

O TERÇO da avó repousa cuidadosamente numa almofada;

O OMAMORI do Japão está protegido numa caixa, com uma etiqueta de viagem;

O TECIDO da Indonésia, dobrado com uma fita, revela o significa de Ma'nene;

Uma FLOR seca e uma VELA de La Paz, já um pouco minguante, repousam em conjunto.

KENJI

Essa deve ser a caixinha de tesouros da Júlia. Não acredito que ela guardou tudo isso.

Os amigos se aproximam de KENJI e observam os objetos guardados pela Júlia.

Eles começam a embalar com cuidado, cada objeto da casa, sendo envolvido em tecidos e em caixas.

55 - INT. CASA DE TIA MARIA - NOITE

Sala simples; mesa com terço da avó; fotos de JÚLIA em viagens.

TIA MARIA deposita o ramo de lavanda num vaso; acende uma vela. Silêncio.

LETÍCIA e CARLOS entram com travessas de comida trazidas pelos vizinhos.

LETÍCIA



A gente podia deixar isso aqui, para quem vier depois do cemitério.

CARLOS

Júlia odiava casa vazia. Sempre dava um jeito de encher de gente.

TIA MARIA

Obrigada pela ajuda, pessoal. Ela aprendeu a olhar a morte nos olhos... e ensinou a gente a olhar também. Eu espero que nesse funeral, ela possa ter a paz que merece.

JÚLIA encontra-se sentada na poltrona da sala observando seus amigos e sua tia.

JÚLIA

No Japão, entendi o toque que acolhe a partida. Na Indonésia, vi os vivos conversando com os que ficaram no caminho. Na Bolívia, aprendi a dançar com a ausência até ela virar presença. Eu não espero algo grande, apenas a presença de vocês e que sempre lembre de mim.

56 - INT. CAPELA - CENTRO - DIA

Como puxada, JÚLIA caminha até o caixão; um impulso a conduz. A cada passo, imagens cruzam a mente – Indonésia: ritos de ma'nene; japão: kotsuage; bolívia: Ñatitas. Caixões suspensos, fogo das piras, cânticos – ecos em superposição.



JÚLIA

(sussurrando)

Me perdoa por ir embora. Eu... eu
não sei se consigo fazer isso.

Ela toca a borda do caixão – mão trêmula.

A vela ao lado trêmula. Um terço repousa sobre o tampo – o da avó.

JÚLIA fecha os olhos; respira. O som dos cânticos se alinha, torna-se um – paz breve no tumulto.

Velas consomem devagar; cera escorre. Um violão dedilha um hino baixo.

Filas se formam; mãos pousam no caixão; cruzes discretas; olhos fechados.

57 – INT. CAPELA – PASSADIÇO – DIA

O passadiço se enche de movimentos contidos

Abraços que duram pouco demais para consolar; toques no ombro; um cartão preso numa coroa.

Criança recebe ramo de lavanda de uma tia, ela caminha sozinha até o altar – passos curtos, inseguros. E deposita no altar.

58 – INT. CAPELA – ALTAR LATERAL – DIA

Sobre uma mesa lateral, pequenos objetos que contam a história real de Júlia, estão alocados: OMAMORI junto a uma foto; pendente talhado ao lado de uma vela;



Ramo de lavanda amarra tudo com uma fita – pequena colagem de vida. Uma colagem de fotos de suas viagens ao Japão, Indonésia e Bolívia, ao lado de seus amigos/mentores.

59 – EXT. CEMITÉRIO – DIA

Portão de ferro; árvores altas; vento leve.

Grupos pequenos chegam em silêncio, carregando flores; abraços discretos.

Rostos com marcas de saudade e reverência; olhares ao chão e ao céu.

Ao lado, KENJI. Caminha com passos firmes, mas o olhar pesado. CARLOS e LETÍCIA se aproximam; troca de olhares e um abraço demorado.

CARLOS

(baixinho)

Obrigado por cuidar de tudo, Tia Maria... Júlia ficaria orgulhosa de você.

TIA MARIA tenta responder, mas sua voz falha. Ela apenas acena; os olhos voltam ao caixão adiante – a realidade pesa.

KENJI

(sussurrando para Tia Maria)

Ela encontrou paz agora, e todos estamos aqui para ela. Você não está sozinha.

60 – EXT. CEMITÉRIO – CAMINHO DE PEDRAS – DIA

TIA MARIA caminha até o caixão; mão pousa com cuidado sobre a tampa.



Outros amigos e parentes se aproximam – silêncio, cada qual com seu pensamento.

DONNA CLARA
(para LETÍCIA, em voz baixa)
Ela sempre teve um jeito de iluminar
o dia... até o carteiro gostava dela.

A procissão segue em linha lenta pelo caminho de pedras.
Todos encontram seus lugares em torno da sepultura – prontos para a despedida.
Sino distante marca a hora. Pombos levantam voo; som de asas.
Mãos seguram programas da cerimônia; pétalas em cestas.
O buraco já está aberto. Terra escura, úmida. O CAIXÃO é pousado sobre as cordas.

61 – EXT. CEMITÉRIO – DIA

Familiares e amigos formam um círculo ao redor da sepultura. Tia maria segura um ramo de lavanda; percebe o apoio nos rostos conhecidos. Clima de cumplicidade – olhares trocados, sorrisos tristes. O padre, simples, olhar acolhedor, inicia.

PADRE

Boa tarde. Estamos aqui para lembrar da Júlia e de tudo que ela significou para cada um de nós. Sei que todos aqui têm memórias dela, e que não são poucas. Júlia foi uma daquelas pessoas que viviam a vida de forma intensa, aproveitando cada segundo.



Cabeças acenam; saudade misturada a SORRISOS.

O PADRE encoraja a partilha; TIA MARIA ergue o RAMO e fala.

TIA MARIA

Quando Júlia decidiu viajar sozinha pela primeira vez, eu achei que ela ia ficar perdida em um dia. Mas ela voltou cheia de histórias, cheia de novos amigos... Ela tinha um jeito único de fazer amizade em qualquer lugar.

LETÍCIA se adianta, SORRISO cumplice.

LETÍCIA

Isso era a cara dela! Júlia conseguia fazer amigos até na fila do banco... Tudo com ela virava uma aventura.

CARLOS ri, lembrando.

CARLOS

Lembram quando ela tentou fazer um jantar italiano pra nós e acabou deixando a massa queimar? Ela disse que tinha "descoberto" um novo sabor, mas era só o cheiro de queimado mesmo!

Risadas leves – o ar se abre.

DONNA CLARA complementa.



DONNA CLARA

E aquele carteiro que ela fez voltar
por uma semana, só porque achava que
ele tinha trocado as cartas? Ela não
deixava nada passar!

MATEUS respira fundo – segura a emoção antes de falar.

MATEUS

Júlia me puxava para as aventuras
dela desde sempre. Teve uma vez que
ela insistiu para vermos o nascer do
sol de um mirante distante. Eu
reclamava o caminho todo, mas ela só
ria. No final, eu percebi que ela
estava certa. Foi um momento
inesquecível.

Silêncio breve – todos sentem a intensidade do simples.

O PADRE conclui, mãos abertas.

PADRE

Que levemos conosco a alegria que
ela espalhou. Que Júlia seja sempre
lembbrada pelas risadas, pelos
momentos que ela viveu com tanto
amor.

Dois coveiros iniciam a descida do caixão. As cordas rangem, o
caixão mergulha devagar. O caixão toca o fundo – um som abafado,
quase ritualístico. Os coveiros começam a jogar as primeiras
pás de terra.

As pessoas se aproximam, respeitosas; silêncio cresce.



TIA MARIA, com as lavandas, se adianta e deposita uma flor sobre a tampa – gesto solene.

PADRE

Com o coração cheio de memórias, nos despedimos de Júlia, mantendo-a viva em nossas histórias, nas lições e nos momentos de alegria que compartilhou conosco.

LETÍCIA

(baixinho)

Vai em paz, Júlia. Obrigada por cada lembrança que deixou.

PADRE

Quem desejar, pode agora prestar sua última homenagem.

DONA CLARA lança uma pequena flor; murmura uma prece.

Um a um, familiares e amigos deixam flores e ramos de lavanda – despedidas pessoais.

KENJI

(baixinho, deixando uma flor)

– Você vai continuar comigo, Júlia.
Sempre.

Por fim, tia maria solta as últimas lavandas; mão no peito; respiro fundo.

O grupo permanece em silêncio alguns instantes – cada um na própria despedida.

JÚLIA coloca as mãos no rosto assustada.



JÚLIA

Tudo aquilo...era para eu entender.
Para eu aceitar! Eu estava
viajando... dentro de mim!

O círculo se desfaz aos poucos; passos sobre cascalho; vento entre árvores.

Velas ainda acesas tremulam. Alguns abraçam; outros observam o horizonte.

Tia maria recolhe uma fita de lavanda caída; guarda no bolso como relíquia.

Kenji agradece ao padre com uma reverência contida. Mateus ajuda idosos a caminhar.

Ao fundo, crianças perseguem pétalas levadas pelo vento – vida que continua.

JÚLIA fica sozinha ao lado da própria sepultura.

Uma luz branca suave começa a crescer atrás dela, como uma presença silenciosa.

Ela olha uma última vez para o seu nome na cruz.

62 - EXT. CEMITÉRIO - DIA

Árvores balançam; som de folhas. O grupo ainda ao redor da sepultura.

O padre se despede com um aceno solene. Cada um guarda seu tempo.

JÚLIA caminha até sua sepultura. Ela estende a mão para tocar a lápide, buscando um contato final, físico. Sua mão atravessa o granito, tocando apenas o ar vazio. Os punhos de JÚLIA cerram



com força. Ela se depara com a sequência de figuras: TIA MARIA, PAUL, KENJI, LUCAS, MATEUS.

Tia maria mantém um ramo de lavanda; olhar fixo na terra recém-lançada.

TIA MARIA

(sussurrando, como se falasse diretamente para Júlia)

Eu te amo, minha menina... Eu sei que você ainda está comigo. Onde quer que você esteja, sei que está olhando por nós.

PAUL deixa uma FLOR ao lado das LAVANDAS;

PAUL

(em voz baixa, emocionada)

Júlia, você sempre disse que a vida era para ser vivida com coragem. Vou lembrar disso e viver como você viveu, sem medo de ser quem eu sou.

LUCAS, deposita uma flor.

LUCAS

(sorrindo, falando com afeto)

Júlia, obrigado por todos os momentos que compartilhamos, pelas vezes que você me desafiou a sair da minha zona de conforto. Eu prometo que vou continuar a me arriscar, a ser mais corajoso, como você sempre foi.

KENJI se aproxima; fecha os olhos; respira.



KENJI

Obrigado por cada conversa, por cada aventura. Eu sempre disse que você era corajosa, mas você era mais do que isso... você era genuína. Prometo que vou carregar essa sua coragem comigo.

JÚLIA

Obrigada por me ensinarem a ouvir as histórias, e me mostrarem suas culturas. Sempre serão meus mentores.

MATEUS hesita; se abaixa; sussurra.

MATEUS

(sussurrando)

Júlia, ainda não consigo acreditar que você se foi. Mas eu vou carregar suas palavras comigo, aquela ideia de viver cada momento como se fosse o último. Prometo que não vou esquecer.

TIA MARIA é uma das últimas a partir; encara a TERRA; mão no peito.

TIA MARIA

(em voz baixa)

Eu vou sentir sua falta todos os dias, minha menina..., mas sei que você está aqui comigo, em cada



lembrança, em cada sorriso. Vá em paz.

O grupo se dispersa em murmúrios contidos. JÚLIA avança sozinha pelo pátio, sem o peso da terra nos passos. Seu espírito paira leve, translúcido, como a névoa da madrugada que não toca o chão.

O MUNDO desacelera; sons tornam-se um ZUMBIDO distante – canto de pássaros, sinos distantes.

Uma luz dourada, quente e acolhedora como o último sol do dia, começa a irradiar do chão sob seus pés.

O ZUMBIDO do mundo transforma-se em uma única nota musical suave – a sinfonia da partida. JÚLIA baixa o olhar e vê, mais uma vez, seu próprio caixão repousando abaixo da terra.

JÚLIA

(murmurando, aceitando)

Talvez essa jornada não tenha sido a busca pela resposta, mas a despedida que eu nunca soube que precisava dar.

A face de Júlia ilumina-se; uma luz que não consome, apenas envolve. Seu contorno etéreo treme suavemente, dissolvendo-se nas bordas como fumaça branca. Ela dá um passo único, lento e decisivo em direção ao fulgor dourado que a chama para dentro do novo começo. A cada movimento, partículas de luz se desprendem dela, flutuando como poeira iluminada.



O chão sob seus pés se abre em claridade, uma espécie de nascente luminosa. Antes de fundir, ela volta-se para o grupo que fica na borda do pátio. Eles não a enxergam, mas seus corpos reagem ao invisível: TIA MARIA leva a mão ao peito; MATEUS olha para o ponto de luz intensa com a expressão de quem reconhece algo que acabou de perder.

Um vento leve passa entre ele, fazendo as pontas de seus cabelos vibrarem.

JÚLIA

Obrigada.

No instante em que as palavras se desfazem no ar, seu corpo espiritual começa a se fragmentar em pequenas partículas luminosas. Primeiros os dedos. Depois os braços, o contorno do rosto se tornam transparente, como um reflexo numa poça d'água sendo tocada. JÚLIA se desfaz, evaporando na luz.

As partículas douradas sobem e descem ao mesmo tempo, espalhando-se no ar até desaparecerem. Quando a última centelha se apaga, a luz no centro do pátio retrocede de forma abrupta, apagando-se como uma fogueira que termina seu último sopro.

FIM